



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS



MARCELO SANTIAGO TRICARICO JUNIOR

ANÁLISE DO INVESTIMENTO EM DEFESA DE BRASIL, ÍNDIA E RÚSSIA

Niterói, 2023

Marcelo Santiago Tricarico Junior

Análise do investimento em defesa de Brasil, Índia e Rússia

Trabalho de conclusão de curso de MBA apresentado ao Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense com parceria ao Centro de Instrução Sylvio de Camargo (Marinha do Brasil) como requisito parcial para a obtenção do título de MBA em Estudos Estratégicos e Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Rocha

Niterói, 2023

**Folha de Aprovação de Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais
(Monografia)**

Análise do investimento em defesa de Brasil, Índia e Rússia

Aluno: Marcelo Santiago Tricarico Junior

Avaliadores

Avaliador 01: Prof. Dr. Márcio Rocha (orientador)

Avaliador 02: XXXXXXXX (leitor)

Notas dos Avaliadores	
Nota 1	
Nota 2	
Nota Final	

DEDICATÓRIA

A Deus, que me capacita todos os dias;

A minha esposa Renata Koch, pelo apoio incondicional;

Ao meu orientador Prof. Dr. Márcio Rocha, pelos ensinamentos e compreensão; e

A meus familiares, por toda ajuda durante o MBA.

RESUMO

Esta monografia se propõe a aprofundar a compreensão dos investimentos em defesa realizados pelos países Brasil, Índia e Rússia, considerando as motivações que norteiam tais investimentos e a significância estratégica inerente a eles. Os investimentos em defesa são moldados por uma multiplicidade de fatores, incluindo a necessidade de proteger territórios e populações, garantir a segurança nacional, manter a estabilidade regional, e, em alguns casos, projetar influência global. A motivação para investir em defesa varia de acordo com o contexto político, geográfico, histórico e econômico de cada país. No caso do Brasil, a proteção de sua vasta extensão territorial e a defesa de recursos naturais estratégicos desempenham um papel crucial. Além disso, a busca por autonomia e independência em tecnologia e produção de armamentos também influencia as decisões de investimento em defesa. Na Índia, uma das maiores democracias do mundo, os investimentos em defesa visam a segurança frente a potenciais ameaças em uma região geograficamente sensível, onde conflitos históricos persistem. Além disso, a Índia busca modernizar suas forças armadas para garantir sua posição como ator global relevante. Já a Rússia, historicamente uma potência militar, investe em defesa para proteger seus vastos territórios, manter sua influência em sua esfera de vizinhança e competir com outras potências globais. A defesa é uma parte intrínseca da sua identidade nacional e da projeção de seu papel geopolítico. A relevância desses investimentos transcende as fronteiras nacionais, pois impactam diretamente a segurança e estabilidade globais. Eles moldam alianças estratégicas, equilíbrios de poder e, em última instância, têm o potencial de influenciar o curso dos assuntos internacionais. Compreender esses investimentos e suas motivações é essencial para a análise do cenário geopolítico atual e futuro, bem como para a busca por uma ordem global mais segura e equitativa.

Palavras-chave: Investimento; Defesa; Brasil; Índia; Rússia.

ABSTRACT

This dissertation aims to deepen the understanding of defense investments made by the countries Brazil, India, and Russia, considering the motivations that guide these investments and their inherent strategic significance. Defense investments are shaped by a multitude of factors, including the need to protect territories and populations, ensure national security, maintain regional stability, and, in some cases, project global influence. The motivation to invest in defense varies according to the political, geographical, historical, and economic context of each country. In the case of Brazil, the protection of its vast territorial expanse and defense of strategic natural resources play a crucial role. Additionally, the pursuit of autonomy and independence in technology and arms production also influences decisions regarding defense investment. In India, one of the world's largest democracies, defense investments aim to secure against potential threats in a geographically sensitive region where historical conflicts persist. Furthermore, India seeks to modernize its armed forces to ensure its position as a relevant global actor. Russia, historically a military power, invests in defense to protect its vast territories, maintain influence in its sphere of neighborhood, and compete with other global powers. Defense is an intrinsic part of its national identity and the projection of its geopolitical role. The relevance of these investments transcends national borders, impacting global security and stability directly. They shape strategic alliances, power balances, and ultimately have the potential to influence the course of international affairs. Understanding these investments and their motivations is essential for analyzing the current and future geopolitical landscape and for seeking a safer and more equitable global order.

Keywords: investments; Defense; Brazil; India; Russia.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Brasil: Dispêndio com defesa como proporção do PIB (2001-2022)	18
Gráfico 2 - Rússia: Dispêndio com defesa como proporção do PIB (2001-2022)	20
Gráfico 3 - Índia: Dispêndio com defesa como proporção do PIB (2001-2022)	24
Gráfico 4 - Extensão territorial (em M Km ²).....	35
Gráfico 5 - Gráfico quantidade de militares da ativa de Brasil, Índia e Rússia.....	36
Gráfico 6 - Gasto com defesa em relação ao PIB.....	37
Gráfico 7 - Gasto em Milhões (US\$) em relação ao ano.....	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fronteira do Brasil com os países da América do Sul	41
Figura 2 - Fronteira da Amazônia Legal	42
Figura 3 - Território indígena	44
Figura 4 - Divisão do território da Caxemira	45
Figura 5 - Mapa político Rússia	46
Figura 6 - Localização de Rússia, Ucrânia e a Criméia.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Meios Disponíveis de Brasil, Índia e Rússia.....	36
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIN	Agência Brasileira de Inteligência
BID	Base Industrial de Defesa
EB	Exército Brasileiro
END	Estratégia Nacional de Defesa
EUA	Estados Unidos da America
FAB	Força Aérea Brasileira
MB	Marinha do Brasil
MD	Ministério da Defesa
OCX	Organização para Cooperação de Xangai
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlantico Norte
OTSC	Organização dos Tratado de Segurança Coletiva
P & D	Pesquisa e Desenvolvimento
PND	Política Nacional de Defesa
PROSUB	Programa de Desenvolvimento de Submarinos
UNASUL	União das Nações Sul-Americanas
ZEE	Zona Econômica Exclusiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	12
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
1.3 METODOLOGIA.....	13
1.4 VARIÁVEIS DE PESQUISA.....	13
1.5 JUSTIFICATIVA.....	13
ESTRUTURA DE DEFESA E HISTÓRICO DE INVESTIMENTO DE BRASIL, RUSSIA E INDIA	15
2.1. Defesa do Brasil.....	15
2.2. Defesa da Rússia.....	18
2.3. Defesa da Índia.....	21
2.4. Comparação Parcial.....	24
ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS NO INVESTIMENTO EM DEFESA	26
3.1 Efetividade das Estratégias de Defesa.....	27
3.2 Impacto dos investimentos na capacidade de defesa.....	30
3.2.1 Impacto dos investimentos na capacidade de defesa do Brasil.....	30
3.2.2 Impacto dos investimentos na capacidade de defesa da Índia.....	31
3.2.3 Impacto dos investimentos na capacidade de defesa da Rússia.....	33
3.3 Comparação das capacidades de Defesa.....	34
3.3.1 Extensão territorial e população.....	34
3.3.2 Comparação de defesa.....	35
3.3.3 Investimento em Defesa.....	36
PRINCIPAIS DESAFIOS DE DEFESA.....	39

4.1 Desafios da defesa do Brasil	39
4.2 Desafios da defesa da Índia	43
4.3 Desafios da defesa da Rússia.....	46
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

Na Guerra do Peloponeso em 416 a.C Atenas chega na ilha de Melos e exige que seus cidadãos se submetam aos atenienses e tomem parte a favor da Liga de Delos contra Esparta. Emissários de ambos os lados foram enviados para que um acordo fosse alcançado. Para os atenienses os melianos deveriam se manter submissos e pagar tributos a Atenas, no entanto os representantes de Melos não queriam se envolver com nenhuma das partes e que sua neutralidade fosse respeitada. Depois dos argumentos colocados na mesa a conversa termina com a seguinte frase dos atenienses: “...pois deveis saber que o justo, nas discussões entre homens, só prevalece quando os interesses de ambos os lados são compatíveis, e que os fortes exercem o poder e os fracos se submetem” (TUCÍDIDES, p. 348, 2001).

A história relatada por Tucídides termina com o massacre da ilha de Melos e traz a luz a visão realista das relações internacionais, onde você só pode ter voz em um diálogo se os poderes entre os participantes forem compatíveis. O poder de influência e liberdade está intimamente ligado à sua capacidade de se defender.

Joseph Nye Jr. (2002), em sua obra “O Paradoxo do Poder Americano”¹, fala das formas de influência e dissuasão dos Estados Unidos como divididos em *Hard Power* e *Soft Power*. O primeiro refere-se ao poder de um país para moldar as relações internacionais pelo uso da força, ou seja, seria o poder da dissuasão, seja na capacidade militar, econômica ou política desse país. Já o segundo é uma forma de influência internacional que se baseia na capacidade de um país persuadir outros países sem recorrer à força ou coação, logo em vez de impor sua vontade este método busca a conquista de simpatia internacional por meio da diplomacia, valores, ideias, ajuda humanitária, programas educacionais e outras estratégias persuasivas.

Fazendo a ligação com o relatado na Ilha de Melos e os conceitos de *Hard Power* e *Soft Power* nos dias atuais, podemos notar que há países que enxergam essa realidade e trabalham para que sua força esteja bem armada com o fim de “facilitar” suas relações com outros estados, ou atrair para si aliados que desejem ser protegidos em troca de tratados comerciais vantajosos. Ou seja, estabelecer uma força mais destrutiva ou forte o suficiente para a dissuasão em seu entorno estratégico para que consigam manter os interesses nacionais, o chamado *Hard Power*.

¹ NYE, J. S. **O paradoxo do poder americano**. [s.l.] UNESP, 2002.

Com esses conceitos podemos fazer uma análise de como alguns estados direcionam seus esforços no cenário internacional, seja no *Soft Power* ou no *Hard Power*, com objetivos de aumento de sua relevância na comunidade internacional ou aumento de suas capacidades de defesa com fins dissuasórios. Para fins de análise no aprimoramento nas questões de defesa iremos focar essas questões em um grupo específico, os chamados BRICS.

Formulado inicialmente pelo economista chefe do grupo financeiro Goldman Sachs, Jim O'neill (2001, p.4), em seu relatório sobre o futuro da economia global e seus principais atores, o conceito inicialmente de BRIC, que é um acrônimo para o grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China, diz que esses atores desempenharão papel relevante na economia global em um futuro próximo e são o prenúncio do fim da primazia do poder unipolar do Atlântico Norte (PAULA, 2017, p. 3). Somente em 2006 o conceito deu origem a um agrupamento desses países com o objetivo de cooperação econômica e o desenvolvimento conjunto, e em 2011 o termo foi mudado para BRICS, incorporando também a África do Sul.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

No século 21 podemos notar uma diferença considerável nos investimentos e capacidade de defesa do Brasil em relação a Rússia e Índia. Embora haja uma grande diferença de motivações que impulsionem esses investimentos, principalmente em questões geopolíticas, essas diferenças consideráveis da capacidade e investimento em suas defesas é um assunto questionável. Podemos observar por exemplo que mesmo a Índia tendo quase um terço do tamanho do Brasil, sua capacidade de defesa está bem além de nossa capacidade.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem o objetivo de realizar um estudo comparativo dos estados que compõe o BRICS em relação ao seu crescimento no setor de defesa, mais precisamente fazer uma análise do investimento em defesa do Brasil em relação a Rússia e Índia. Vamos verificar como esses países estão trabalhando para aprimorar sua capacidade de defesa em seu entorno estratégico, tentando buscar entender o porque do investimento apresentado.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir o objetivo geral, foram abordados os seguintes tópicos específicos:

- 1) Verificar como é a estrutura de defesa dos países em análise;
- 2) Análise dos investimentos e crescimento de suas defesas no século 21 de Brasil, Índia e Rússia; e
- 3) Análise dos desafios enfrentados por esses países que motivam o investimento em suas capacidades de defesa.

1.3 METODOLOGIA

A presente monografia possui uma natureza exploratória e se fundamenta em uma extensa pesquisa bibliográfica, que abrangeu uma ampla gama de pesquisas acadêmicas para o tema em questão. Ao longo desse trabalho, foram consultados diversos artigos acadêmicos, teses e dissertações, publicações científicas e fontes eletrônicas confiáveis. A escolha minuciosa da bibliografia visou alicerçar as discussões teóricas e empíricas, garantindo a consistência e a solidez das análises apresentadas. As contribuições de renomados estudiosos e especialistas nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, enriquecendo as reflexões e as conclusões alcançadas.

Para isso, iremos seguir a seguinte ordem: No primeiro capítulo iremos verificar a estrutura de defesa desses países, seus investimentos em suas indústrias bélicas e pesquisa e desenvolvimento. No segundo iremos analisar a capacidade de defesa que todo esse investimento proporciona e o impacto em suas economias. Por último no terceiro iremos fazer a análise dos principais desafios de defesa enfrentado pelos países, relacionando as ameaças internas e externas, questões geopolíticas e suas abordagens para a segurança nacional e defesa.

1.4 VARIÁVEIS DE PESQUISA

Este trabalho terá como variável independente o investimento em defesa da Brasil, Índia e Rússia, e como variável dependente a busca do entendimento do porque da diferença destes investimentos.

1.5 JUSTIFICATIVA

Brasil, Índia e Rússia aspiram a desempenhar um papel mais significativo no cenário internacional. Seus investimentos em defesa refletem suas ambições geopolíticas e sua busca

por influência global. Analisar esses investimentos nos permite compreender como essas nações buscam consolidar seu papel como atores relevantes em questões globais.

Mesmo o BRICS sendo composto também por África do Sul e China, o foco da análise será entre Brasil, Rússia e Índia devido a similaridades no crescimento econômico, extensão territorial e questões internas semelhantes como desigualdade de renda, pobreza, questões fiscais e etc.

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA DE DEFESA E HISTÓRICO DE INVESTIMENTO DE BRASIL, RUSSIA E INDIA

Neste capítulo vamos analisar como está estruturado a defesa dos três países, fazendo a abordagem de pontos como a organização de suas Forças Armadas, suas capacidades militares, segurança interna, Defesa Cibernética e suas alianças e parcerias no cenário internacional. Assim como vamos também verificar como está o investimento no aprimoramento dessas capacidades, analisando os recursos investidos e histórico de crescimento desde o início do século XXI.

Para isso, vamos estruturar este estudo em pontos separados, focando os tópicos citados para cada um desses países, com o fim de que nosso entendimento seja facilitado e tenhamos uma base para prosseguimento nos próximos capítulos.

2.1. Defesa do Brasil

Hoje as Forças Armadas do Brasil e sua estrutura de defesa estão organizadas, resumidamente, segundo a página do Ministério da Defesa, da seguinte forma²:

O Ministério da Defesa é o órgão do Governo Federal incumbido de coordenar o esforço integrado de defesa, visando contribuir para a garantia da soberania, em prol da sociedade brasileira, abrangendo o preparo e o emprego conjunto e singular das Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, e a articulação entre elas e os demais órgãos do Estado.

Segundo o artigo 142, da Constituição Federal de 1988, a Marinha, Exército e Aeronáutica são instituições permanentes e regulares que atuam sob a autoridade suprema do Presidente da República e tem as seguintes atribuições: assegurar a integridade do território nacional; defender os interesses e os recursos naturais, industriais e tecnológicos brasileiros; proteger os cidadãos e os bens do país; e garantir a soberania da nação³.

² Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/aceso-a-informacao/institucional-2/estrutura-organizacional>. Acesso em: 21 de Julho de 2023

³ Parafraseando o artigo 142 da Constituição Federal de 1988: “as Forças Armadas são instituições permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos Poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem”.

Hoje o Brasil conta com 212.000 militares do Exército Brasileiro, 57.000 da Marinha do Brasil e 71.000 da Força Aérea, totalizando 340.000 militares da ativa⁴, e ocupa a 12ª posição geral no rank das forças de todo o mundo e a 1ª posição da América do Sul⁵.

Falando de seus meios o Brasil possui em sua força terrestre Carros de Combate; Veículos Blindados; Peças de Artilharia e Artilharia autopropulsada; Helicópteros de transporte, de ataque e de resgate. Sua Força Naval conta com meios da esquadra, meios de pesquisa, meios distritais, capacidade anfíbia e meios aeronavais. Já a sua Força Aérea dispõe de aviões de caça, ataque ao solo, transporte, reabastecimento aéreo, treinamento, utilitários, de vigilância e helicópteros.

A segurança interna é algo importante quando falamos da defesa, pois só podemos pensar do lado de fora se dentro do território está seguro. No Brasil podemos descrever alguns órgãos que regulam o funcionamento do estado e atuam como instrumento para inibir os agentes de perturbação pública. Podemos citar: a Polícia Federal, que é responsável pela investigação de crimes federais, incluindo tráfico de drogas, crimes financeiros, contrabando e imigração ilegal; A Polícia Rodoviária Federal, que é responsável pela fiscalização das estradas federais, combatendo o contrabando, tráfico de drogas e outros crimes que ocorrem nas rodovias; A Polícia Civil, que atua na parte de investigação de crimes estaduais; A Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) que atua como responsável na atividade de Inteligência e contrainteligência do Estado; E por último temos as Polícias Militares, que são incumbidas de realizar o policiamento ostensivo em cada estado do Brasil.

No campo da Defesa Cibernética no Brasil é dividida em três níveis: político, estratégico e operacional e tático (BENTO, 2, s.d).

Nível político - Segurança da Informação e Comunicações e Segurança Cibernética - coordenadas pela Presidência da República e abrangendo a Administração Pública Federal direta e indireta, bem como as infraestruturas críticas da Informação Nacionais; nível estratégico - Defesa Cibernética - a cargo do Ministério da Defesa, Estado Maior Conjunto das Forças Armadas e Comandos das Forças Armadas, interagindo com a Presidência da República e a Administração Pública Federal; e níveis operacional e tático - Guerra Cibernética - denominação restrita ao âmbito interno das Forças Armadas (MD31-M-07).

Como órgão central de Defesa Cibernética temos o Comando de Defesa Cibernética (ComDCiber), que é composto por militares das três forças, sendo nucleado pelo Exército

⁴ Dados de quantitativos extraídos dos sites oficiais do Exército, Marinha e Aeronáutica. Acesso em: 21 julho 2023.

⁵ Segundo a revista Global Fire Power. Disponível no link: <https://www.globalfirepower.com/>. Acesso em 21 julho 2023.

Brasileiro. Esse órgão tem como objetivo planejar, orientar, coordenar, integrar, e executar atividades relacionadas ao desenvolvimento e aplicação das capacidades cibernéticas.

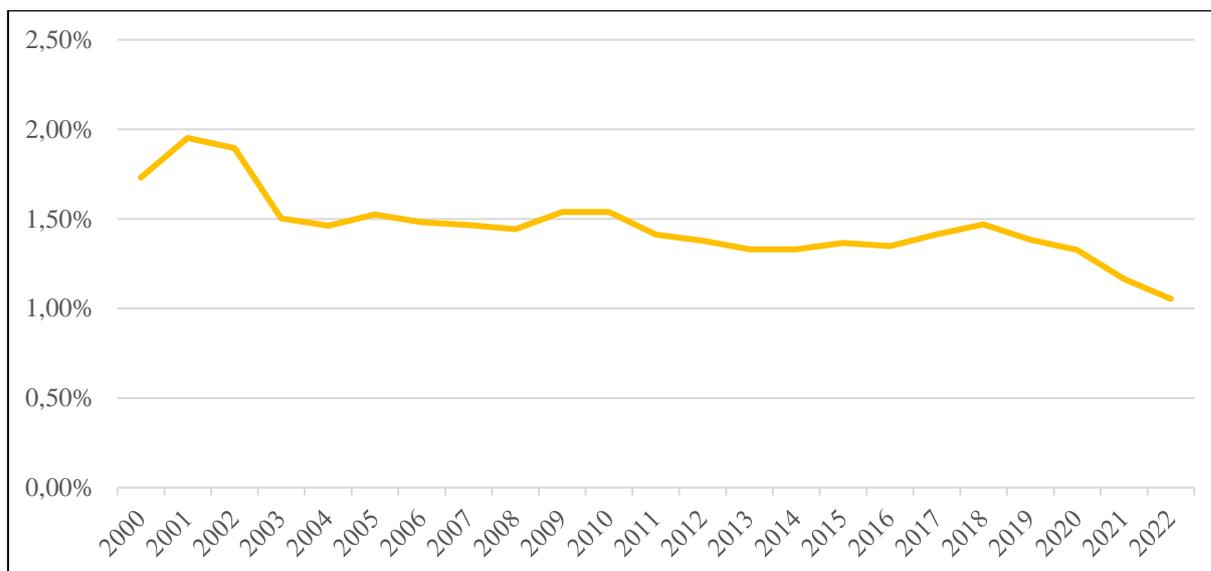
Nas relações internacionais o Brasil vem se esforçando ao longo dos anos para fortalecer seu *Soft Power*, possibilitando que a sua política externa seja fortalecida e conseqüentemente adquira alianças e acordos internacionalmente. Isso contribui para o crescimento de seu poder de defesa. O Brasil hoje participa de diversas organizações internacionais, tanto em âmbito global quanto regional, como por exemplo a Organização das Nações Unidas (ONU), União das Nações Sul-Americanas (Unasul) e Organização dos Estados Americanos (OEA). Todas essas organizações tem seu valor estratégico para o Brasil nos campos econômicos e sociais, incrementando assim sua importância internacionalmente, como afirma Villanova (2017, p.279):

Como reflexo dos inúmeros avanços no plano doméstico e de uma atuação diplomática vigorosa, o Brasil entrou no século XXI qualificado a dar um novo significado à percepção internacional de sua imagem. O governo Lula, por meio da diplomacia pública, na sua vertente de comunicação social, aproveitou a oportunidade e, sobretudo em seu segundo mandato, desenvolveu e formalizou um conjunto de estratégias e ações que ajudou o país a galgar etapas valiosas na busca de uma exposição mais positiva no cenário internacional. (Villanova, 2017, p. 279)

Em relação ao seu investimento hoje o país destina cerca de 1,3% de seu Produto Interno⁶ Bruto (PIB) a Defesa Nacional, com um valor estimado em R\$ 124,4 bilhões. No entanto, quase 80% desse valor é somente gasto com pessoal, incluindo militares da ativa, reserva, servidores civis e pensionistas, sobrando somente 20% para efetivo aprimoramento de sua capacidade de defesa. Desde o início do século XXI o Brasil vem oscilando os gastos com defesa, começando com quase 2% e batendo aproximados 1% no ano de 2022. O Gráfico 1 mostra o histórico de destinação do investimento em defesa em relação ao seu PIB.

⁶ Segundo o Relatório Setorial de Defesa de 2023.

Gráfico 1 - Brasil: Dispendio com defesa como proporção do PIB (2001-2022)



Fonte: SIPRI (2023)

2.2. Defesa da Rússia

As Forças Armadas da Federação Russa estão divididas em três grandes segmentos: Forças Terrestres, Marinha e Força Aérea, além de possuírem três ramos independentes: Tropa de Mísseis Estratégicos, Força Espacial e Forças de Operações Especiais. Toda essa organização é administrada pelo Ministério da Defesa.

Segundo o site do Ministério da Defesa da Federação Russa⁷ os objetivos de defesa são divididos em quatro pontos:

- a) Combater ameaças à segurança ou interesses internos;
- b) Interesses Econômicos e Políticos;
- c) Operações Militares em tempos de paz; e
- d) Emprego da Força Militar

Além disso, há direções de emprego do poder russo em situações de paz, ameaça de guerra ou no travamento de uma guerra.

A Federação Russa hoje ocupa a segunda posição no rank das Forças Armadas do mundo segundo a Global Fire Power, contando com cerca de 900 mil militares da ativa.

Em relação aos seus meios a Rússia possui em sua força terrestre unidades de infantaria, blindada, artilharia, tropas de defesa aérea e outras especialidades. A Marinha Russa possui uma frota diversificada de submarinos, fragatas, corvetas, porta-avião nuclear e embarcações de

⁷ Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080305043706/http://mil.ru/eng/>. Acesso em 28 julho 2023.

apoio. Já a Força Aérea opera uma grande variedade de aeronaves, incluindo caças, bombardeiros, helicópteros de ataque e aeronaves de transporte. Além disso sua Força de Mísseis Estratégicos possui um arsenal significativo de mísseis balísticos intercontinentais capazes de transportar ogivas nucleares, sendo esse sistema parte essencial da dissuasão nuclear. Estima-se que a Rússia tem 4,5 mil ogivas nucleares prontas para serem lançadas a longas distâncias.

Internamente a segurança em solo russo é realizado por diversas agências e forças de segurança, cujas atribuições e responsabilidades são definidas pela legislação e regulamentos governamentais. Podemos citar os principais que dizem respeito a segurança do país e sua soberania:

a) Serviço Federal de Segurança (FSB): Principal agência de inteligência e contrainteligência da Rússia. Além disso, é responsável por combater o terrorismo e outros crimes graves que possam ameaçar a segurança do estado. Este órgão sucedeu a KGB no que respeita a assuntos domésticos;

b) Guarda Nacional Russa (Rosgvardiya): Criada no ano de 2016 como uma instituição paramilitar e vinculada diretamente ao Presidente da Federação Russa. É responsável por garantir a segurança interna do país, proteger as fronteiras, combater o terrorismo e o crime organizado, além de proteger as instalações críticas (Roslan apud Alves, 14, s.d)

Além destes temos também outras instituições que contribuem para o funcionamento do estado, como é o caso do Ministério de Administração Interna, o Ministério Público, o Departamento de Investigação Criminal (CID) e as próprias Forças Armadas, que podem ser eventualmente utilizadas em situações de emergência ou agitação civil.

Na área cibernética, segundo Da Cruz Júnior (2013, 47), um dos princípios que é baseado a estratégia ciberespacial russa é o da Interação, na qual requer que o Ministro da Defesa coordene junto com suas Forças Armadas e órgãos governamentais as ações neste espaço. No entanto o termo a Federação Russa prefere o termo “segurança da informação” em vez de “cibersegurança”, como afirma Klimburg:

Klimburg argumenta que a Rússia tem liderado desde 1998 tentativas de levar a Organização das Nações Unidas a adotar postura mais assertiva no que diz respeito a questões de cibersegurança. Essas tentativas incluiriam esforços para encorajar o abandono dos termos cibersegurança e ciberespaço, vocábulos eivados de imprecisão, na opinião russa. Em seu lugar, a Rússia advogaria o emprego da expressão *information security*, que poderia ser traduzida como segurança da informação. O problema, explica o autor, é que o entendimento russo sobre o que seria segurança da informação nada tem a ver com o que países ocidentais imaginam quando se deparam com a expressão. (Klimburg apud Oliveira, 48, 2021).

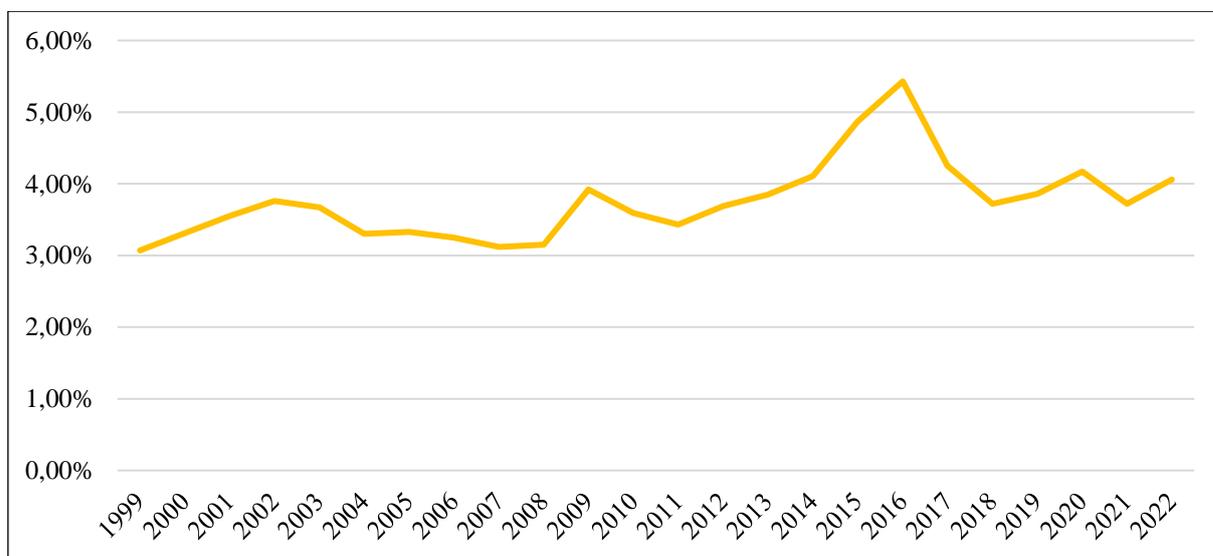
Em relação a sua política externa no século XXI a sua postura é pragmática e pode ser dividida em quatro etapas: o alinhamento pragmático, o afastamento, o reset e a sobrecarga, e a postura desafiante com a intervenção na Ucrânia. A Rússia tem buscado afirmar sua esfera de influência em nível regional e reduzir as assimetrias com o centro do sistema, orientando-se cada vez mais para parceiros não-ocidentais. Além disso, a Rússia tem alternado o uso do soft power e do hard power, sendo que o soft power ainda continua sendo uma ferramenta importante na formulação estratégica russa. A política de defesa tem forte influência e consonância sobre a política externa russa (Paula, s.d, 13-17). Além disso hoje a Rússia participa de duas alianças de segurança mútua, que são a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) e a Organização para Cooperação de Xangai (OCX).

Na sua defesa, no século XXI, de acordo com Bertonha:

A Rússia prevê um aumento da sua capacidade militar, especialmente por meio de um maciço programa de modernização e profissionalização das forças. Em 2008, um dos maiores e mais radicais programas de reforma do aparato militar foi desencadeado na Federação Russa, atingindo a estrutura das forças como um todo, da quantidade e qualidade dos oficiais, soldados e unidades à instalação de novos sistemas de comando e controle, aquisição de novos armamentos, etc. (Bertonha, 2010, p. 6)

Portando, o investimento russo em sua defesa é uma pauta importante em sua política, direcionando em 2022 cerca de 4,4% de seu PIB para defesa, aumentando em relação aos 3,6% do PIB em 2021 (Cooper, 2023, p. 17). Analisando o gráfico 2 podemos notar que desde o início do século a Rússia despense em média mais de 3,0% de seu PIB na sua defesa.

Gráfico 2 - Rússia: Dispendio com defesa como proporção do PIB (2001-2022)



Fonte: SIPRI (2023)

2.3. Defesa da Índia

As Forças Armadas da Índia são divididas em Exército, Marinha e Força Aérea. Segundo o site Global Fire Power suas Forças Armadas ocupam a 4ª colocação no rank mundial e conta com cerca de 1,4 milhões de militares da ativa. Além deste número a Índia também conta com aproximados 2,5 milhões de soldados em suas Forças Paramilitares, estas com atribuições de auxiliar nas operações internas e fronteiriças.

O Exército indiano é equipado com Tanques T-90 e T-72; Veículos Blindado de combate BMP-2; Artilharia Autopropulsada, obuses e mísseis de artilharia para apoio de fogo; Helicópteros de Ataque como o HAL Rudra e Aeronaves de transporte como o Lockheed Martin C-130J Super Hercules. Sua Força Aérea é reforçada com uma variedade de Caças como o Sukhoi Su-30MKI, Dassault Rafale; Aeronaves de ataque ao solo como o SEPECAT Jaguar; Aeronaves de Transporte como o Boeing C-17 Globemaster III; Helicópteros de combate Apache AH-64E; e Helicópteros de Transporte como o Mil Mil-17. Na sua Marinha há destróieres, fragatas e corvetas, como as classes Kolkata, Shivalik e Kamorta; Dois Porta-Aviões, o INS Vikramaditya e o Vikrant; Submarinos convencionais e nucleares, como os da classe Scorpène e classe Arihant; e Embarcações de Patrulha.

A Índia faz parte dos países que dispõe de poder nuclear como uma das principais fontes de dissuasão em seu entorno estratégico na Ásia. Em 2020 estimava-se que o país possuía 150 ogivas nucleares (SIPRI, 2020)⁸.

Em relação a sua segurança interna o problema é um pouco mais complexo devido à sua grande população, diversidade étnica, linguística, religiosa e cultural, assim como seu histórico de conflitos e tensões internas. Neste contexto, a segurança interna engloba uma rede complexa de agências e estruturas que atuam na prevenção e combate ao terrorismo, além de lidar com desafios relacionados à imigração ilegal. O país enfrenta persistentes ameaças terroristas, resultantes de grupos extremistas que buscam desestabilizar o ambiente social e político. Para enfrentar esse cenário, a Índia emprega forças de segurança especializadas, como a Força Nacional de Segurança (NSG) e a Agência Nacional de Investigação (NIA), que desempenham um papel crucial na identificação e neutralização de células terroristas e na gestão de crises. Além disso, a Índia também conta com a Força de Polícia de Fronteira (BSF) e a Força de Reserva Central (CRPF), são mobilizadas para patrulhar as fronteiras, monitorar atividades suspeitas e impedir a entrada ilegal de pessoas. Para a atividade de inteligência e

⁸ Disponível em: <https://sipri.org/sites/default/files/SIPRIYB20c10sVI.pdf>. Acesso em: 18 Agosto 2023.

contraineligência do país temos como mais proeminente o Bureau de Inteligência da Índia (Intelligence Bureau – IB) para questões internas e a Agência de Inteligência de Pesquisa (Research and Analysis Wing – RAW) para questões externas.

No Ciberespaço temos as seguintes Agências que estão ligados a segurança da informação na Índia:

a) Agência Nacional de Segurança Cibernética⁹, ou NSCS, é a principal agência responsável pela segurança cibernética da Índia, coordenando e implementando medidas de segurança cibernética em seu território;

b) A Agência Cibernética de Defesa¹⁰ (DCyA) supervisiona a defesa, monitoramento e resposta a ataques cibernéticos. O DCyA atrai pessoal de todos os três ramos das Forças Armadas; e

c) O Ministério de Eletrônica e Tecnologia da Informação¹¹, cuja missão é:

Promover a governança eletrônica para capacitar os cidadãos, promover o crescimento inclusivo e sustentável das indústrias de eletrônicos, TI e ITeS, aprimorar o papel da Índia na governança da Internet, adotando uma abordagem multifacetada que inclui o desenvolvimento de recursos humanos, promovendo P&D e inovação, aumentando a eficiência por meio de serviços digitais e garantir um espaço cibernético seguro. (Índia, 2023)¹²

Em relação a sua política externa segundo Fabio Luis Barbosa dos Santos a estratégia indiana no século XXI foi marcada por uma inflexão rumo à liberalização econômica e à ascensão de forças identificadas com o nacionalismo hindu e a política comunal, notadamente o BJP¹³. Isso resultou em um distanciamento em relação às referências basilares da política indiana prevalente desde a independência, sob a liderança do partido do Congresso: nacionalismo econômico, secularismo político e não-alinhamento internacional. Ele também menciona a maior relevância dos vizinhos imediatos (Neighbors first policy), a ênfase na conectividade infraestrutural com o sudeste asiático (Look East e Act East policies) e a intensificação de negócios no continente africano. No conjunto, a ambição de um horizonte civilizatório alternativo diante da Guerra Fria que caracterizou a política nehruviana cedeu lugar a uma racionalidade pragmática que, aceitando a liderança dos Estados Unidos, projeta

⁹ Do Inglês: National Security Council Secretariat (NSCS)

¹⁰ Do Inglês: Defense Cyber Agency (DCyA)

¹¹ Do Inglês: Ministry of Electronics & Information Technology

¹² Traduzido do Inglês: To promote e-Governance for empowering citizens, promoting the inclusive and sustainable growth of the Electronics, IT & ITeS industries, enhancing India's role in Internet Governance, adopting a multipronged approach that includes development of human resources, promoting R&D and innovation, enhancing efficiency through digital services and ensuring a secure cyber space. Disponível em: <https://www.meity.gov.in/about-meity/vision-mission>. Acesso em 18 Agosto 2023.

¹³ BJP é a sigla para “Bharatiya Janata Party”, que é um partido político da Índia.

estratégias consonantes com as exigências mercantis que caracterizam a globalização (SANTOS, F.L.B, 2018, Pg. 234-263).

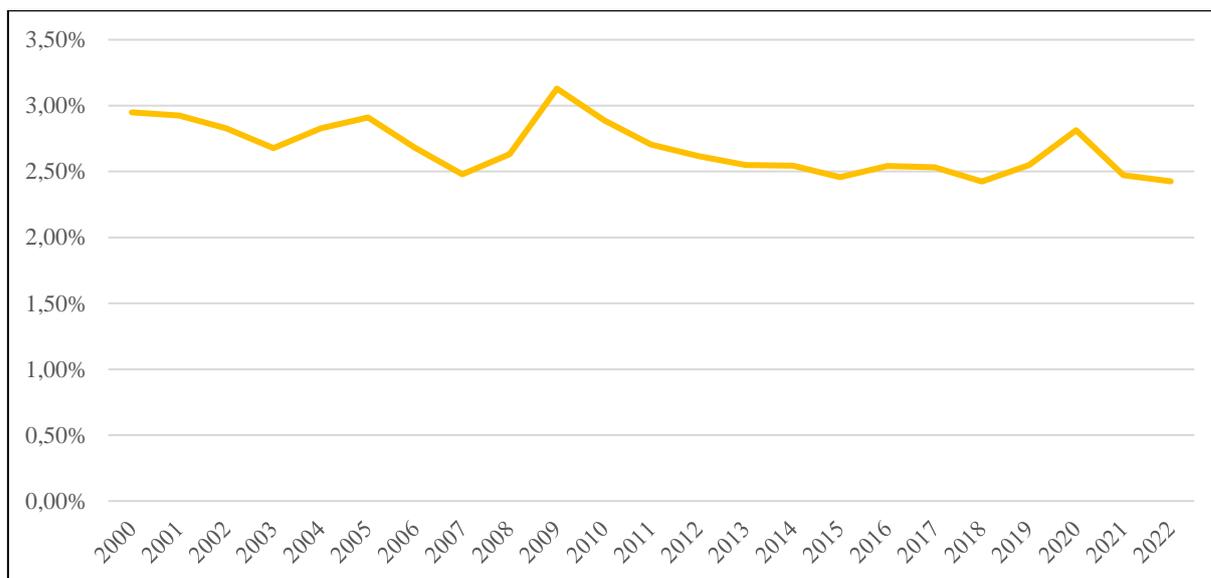
Além disso a Índia desempenha um papel ativo em várias organizações internacionais, o que contribui fundamentalmente em sua estratégia de dissuasão nuclear e política externa. Enquanto não faz parte de alianças militares formais, como a OTAN, a Índia é membro de organizações como o Movimento dos Países Não Alinhados (MNA) e a Organização de Cooperação de Xangai (OCX). Essas associações permitem que a Índia desenvolva relações multifacetadas com uma variedade de países, abrindo canais diplomáticos cruciais para expressar sua posição de dissuasão nuclear e para moldar sua política externa. Através dessas organizações, a Índia busca reforçar sua postura de não alinhamento e de independência estratégica, enquanto colabora em questões de segurança regional e global. Além disso, a participação em acordos bilaterais de defesa e em exercícios militares multinacionais também aprofunda sua rede de parcerias, reforçando sua capacidade de dissuasão e sua influência nas relações internacionais.

No investimento em sua Defesa, segundo Manan Jaisinghani¹⁴, a Índia tem o terceiro maior gasto militar do mundo¹⁵, com um orçamento de Defesa correspondendo a 2,15% de seu PIB, e nos próximos 5 a 7 anos o governo Indiano planeja gastar US\$ 130 bilhões para a modernização da frota em todas as forças armadas (2023). O gráfico abaixo mostra que o investimento em defesa ao longo do século XXI houve variação em média acima de 2,5% do seu PIB, atingindo seu pico em 2009, quando foi direcionado cerca de 3,14%.

¹⁴ Especialista em investimento e colunista do Invest India.

¹⁵ As fontes de pesquisa disponíveis divergem sobre esta colocação, variando entre a 3ª e a 6ª colocação.

Gráfico 3 - Índia: Dispendio com defesa como proporção do PIB (2001-2022)



Fonte: SIPRI (2022)

2.4. Comparação Parcial

Apresentado dados quantitativos e valores podemos traçar um comparativo parcial entre os Brasil, Índia e Rússia, sem levar em consideração ainda as motivações que influenciam seus investimentos em Defesa.

Inicialmente podemos notar que em relação a estrutura os três estados possuem em sua base uma forma similar, tendo como base as três forças que compõe suas Forças Armadas, que são Marinha, Exército e Aeronáutica. Os outros órgãos de atuação que contribuem para a manutenção da soberania internamento variam de forma sutil, mas em geral suas funções também se equivalem, como exemplo podemos verificar que todos eles possuem Forças específicas com responsabilidades nas questões fronteiriças e imigração ilegal, além também de ter agências próprias que são responsáveis na produção e coleta de informação, assim como impedir seus vazamentos, que são suas agências de inteligência.

No campo da Defesa Cibernética há diferentes abordagens e desafios enfrentados por essas nações. O Brasil tem investido na construção de capacidades cibernéticas, estabelecendo instituições como a Estratégia Nacional de Defesa Cibernética (E-Ciber) e o Centro de Defesa Cibernética (CDCiber). A Rússia, por outro lado, é frequentemente associada a operações cibernéticas avançadas e tem sido objeto de estudos de especialistas em segurança cibernética, como Dmitri Alperovitch¹⁶. A Índia está experimentando um crescimento rápido em suas

¹⁶ Dmitri Alperovitch é um especialista em segurança cibernética e um dos fundadores da empresa de segurança cibernética CrowdStrike.

capacidades cibernéticas, enquanto busca colaboração internacional em questões de segurança cibernética. Essas nações também enfrentam ameaças cibernéticas diversas, incluindo ciberespionagem e ataques de ransomware¹⁷. Além disso, possuem legislação específica, como a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) no Brasil, leis de dados pessoais russas e a Lei de Tecnologia da Informação na Índia, para lidar com questões de segurança cibernética e privacidade.

No âmbito internacional os três países fazem parte de alianças econômicas e militares, no entanto podemos perceber a primeira diferença mais significativa na forma como é conduzida suas políticas externas e a forma como se projetam no cenário internacional. Enquanto o Brasil historicamente procura focar em seu Soft Power, promovendo sua cultura e cooperação internacional, a Rússia procurou investir mais no seu Hard Power, com suas decisões muitas vezes baseadas no seu poder de dissuasão pela força, tendo hoje armas de destruição em massa que contribuem para isso. No caso da Índia podemos afirmar que, dentre os três, é o que mais consegue estabelecer um equilíbrio entre esses dois polos de Soft e Hard Power, pois a sua própria história da independência sem violência e sua cultura diversificada fortalece seu Soft Power, e em contrapartida sua defesa em constante aperfeiçoamento, assim como o fato de possuírem armas de destruição em massa faz com que seu Hard Power também cresça.

Por fim, falando de seus investimentos podemos observar que a Rússia, dentre os três estados, despendeu mais capital, direcionando uma maior parte de seu PIB em defesa, atingindo seu pico de aproximados 5,2% em 2016 e atingindo o mínimo de 3,12% em 2007. A Índia fica um pouco abaixo atingindo o máximo de 3,13% em 2009 no mínimo 2,52% em 2018. Já o Brasil é o país que menos direcionou recursos em relação ao seu PIB atingindo o máximo de 1,95% em 2001 e o mínimo de 1,05% em 2022.

Após nos situarmos em relação aos aspectos de defesa dos três países iremos verificar no próximo capítulo a efetividade de suas estratégias de defesa, qual o impacto no país devido ao investimento em suas defesas e iremos traçar um comparativo da capacidade de defesa desses três atores.

¹⁷ Ransomware é um tipo de malware de sequestro de dados, feito por meio de criptografia, que usa como refém arquivos pessoais da própria vítima e cobra resgate para restabelecer o acesso a estes arquivos.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS NO INVESTIMENTO EM DEFESA

Como afirmado por Sun Tzu: “Aquele que não realiza planejamento algum terá chances ínfimas de vitória” (TZU, 2015). Embora a frase de Sun Tzu se refira a um campo de batalha podemos traçar um paralelo com diversos segmento do cotidiano, principalmente na gestão da indústria de defesa. Não adianta haver recursos alocados se não houver uma estratégia clara e bem consolidada do direcionamento destes recursos, principalmente se tratando da defesa de um estado. Uma brecha neste planejamento pode significar sua fragilidade ou sua incompetência em gerir seus recursos. Em um mundo cada vez mais globalizado e a atenção cada vez maior que os estados dão às suas políticas externas, cresce a importância de uma eficiente gestão e organização de sua Defesa.

Com isto em pauta vamos neste capítulo analisar a efetividade do investimento em Defesa de Brasil, Índia e Rússia. Vamos tentar traçar uma linha comparativa entre os três países em como está se materializando tanto seus investimentos quanto a estratégia abordada para a projeção deste investimento. É claro que não é uma tarefa fácil pois há diferentes pensamentos nas abordagens de defesa dos três estados, como afirma João Fábio Bertonha:

Comparar é sempre uma dificuldade quando pensamos na formatação do pensamento histórico ou estratégico. Sempre se abrem dificuldades teóricas sobre o que pode e o que não pode ser comparado, os elementos da comparação, etc. Não obstante, quando escolhidos com cuidado os termos de comparação, especialmente no tocante às balizas geográficas, temporais e analíticas, a comparação pode ser sugestiva para indicar padrões, diferenças e permitir extrapolações e análises mais densas. (BERTONHA, J.F., 2013, pg. 112,)

Para fazermos esta análise vamos começar nosso estudo verificando a efetividade das estratégias de defesa de Brasil, Índia e Rússia. Para isso vamos analisar a Estratégia Nacional de Defesa (END) destes três países, vamos verificar como seus investimentos na Defesa está efetivamente se materializando em sua END e como suas estratégias estão refletindo em suas políticas externas.

Logo após, vamos verificar como efetivamente está impactando em sua Defesa o investimento destinado a ela. Vamos analisar a evolução de suas Forças Armadas e Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) ao longo do século XXI em relação a números e tecnologia bélica desenvolvida neste processo.

Por fim, vamos fazer uma comparação direta das capacidades de Defesa dos três países, abordando questões como Desenvolvimento Tecnológico, ampliação de efetivo e equipamentos.

Para ser possível realizar toda esta análise será utilizada dados e informações de Defesa amplamente divulgados pelos três países, se possível fazendo a coleta desses dados de uma única fonte, principalmente em relação ao incremento de seus números em relação a pessoal, meios e equipamentos.

3.1 Efetividade das Estratégias de Defesa

Vamos iniciar nossa análise falando sobre a Estratégia de Defesa no Brasil (END), e para iniciar com este estudo primeiro devemos entender como a Política Nacional de Defesa (PND) e a END estão conectadas. O PND descreve a Política Nacional de Defesa como um conjunto de diretrizes e ações que visam garantir a soberania nacional e a integridade territorial do Brasil, bem como promover a paz e a segurança internacionais. Já a Estratégia Nacional de Defesa é descrita como um documento que estabelece as diretrizes para o emprego das Forças Armadas na defesa da Pátria e na garantia dos poderes constitucionais, da lei e da ordem. Em resumo, a PND é um conjunto de diretrizes mais amplas, enquanto a END é um documento mais específico que estabelece as diretrizes para o emprego das Forças Armadas (BRASIL, 2012).

Além disso, segundo Bertonha: “A END prioriza o desenvolvimento tecnológico (na área dos equipamentos militares, na pesquisa espacial e na energia nuclear para fins pacíficos), a segurança das fronteiras e, acima de tudo, a dissuasão contra inimigos de fora da América do Sul” (2013, pg. 12). Assim sendo, Bertonha afirmava, a 10 anos atrás, que as aquisições dos seus equipamentos tiveram foco maior na projeção das fronteiras e dissuasão do que na projeção internacional (2013). Hoje, embora o Brasil ocupe a 15ª posição no mercado mundial de defesa e seja o país mais relevante na América do Sul (FERREIRA et. al, 2022, pg. 9), podemos observar que o gasto em relação ao seu PIB destinado à sua defesa é menor do que em 2013 e o grande ponto de desenvolvimento e dissuasão ainda concentra no desenvolvimento do Submarino de Propulsão Nuclear, previsto para ser concluído em 2029. Podemos ainda perceber uma maior preocupação com suas fronteiras do que com a projeção internacional quando se trata de investimento em Defesa no Brasil. Além disso, outro ponto levantado por Bertonha como um bom exemplo da maior importância com a manutenção de suas fronteiras seria a

Marinha praticamente não dispor, a mais de 10 anos, de um porta-aviões¹⁸ pronto para uso, sabendo que um meio deste porte é um excelente instrumento de dissuasão e projeção de poder. Em suma o Brasil não busca hoje um protagonismo no cenário internacional em relação a sua Força Militar, ou *Hard Power*, como afirma Bertonha:

De qualquer modo, é essa a primeira especificidade brasileira frente aos outros BRICs, ou seja, a menor confiança na força militar ou mesmo no peso econômico para sustentar seus planos. O Brasil não tem, e não terá, por muitos anos ainda, a força econômica ou militar necessária para sustentar algum tipo de competição mais densa com os Estados Unidos, a China ou a Rússia e não acredita que a aquisição de tais elementos de poder seja algo necessário. (Bertonha, J.F.,2023, Pg. 122)

Em relação à Índia podemos verificar que é um país que enfrenta diversos desafios de segurança interna, como o terrorismo e a instabilidade, mas que também possui uma política de defesa voltada para a proteção contra ameaças externas. Há um processo de mudança na política de defesa indiana, que passou a maximizar o papel da segurança interna para as forças de defesa, combinada ao papel clássico de proteção contra as ameaças externas, a partir dos diagnósticos feitos no pós-atentado de 11 de setembro nos EUA. No entanto, a Índia não possui uma política declaratória de defesa nos mesmos moldes de Brasil, o que pode dificultar a compreensão de sua política de defesa por parte de outros países (ACÁCIO, 2013).

Para Bertonha (2013) a Estratégia Nacional de Defesa da Índia se baseia basicamente na China e Paquistão, mesmo que não haja um documento afirmando isso. Além disso, sua força não parece almejar projeção internacional e fortalecimento de sua política externa, como afirma Bertonha:

A Índia não parece identificar um cenário mundial excessivamente competitivo que a obrigaria a criar uma força dissuasória maior do que a já existente, incluindo a nuclear. No entanto, a Índia vê, internamente e em seu entorno regional, um emaranhado de problemas que sugere a necessidade de uma estratégia de defesa, ainda que não escrita formalmente, mais voltada ao equilíbrio de poder regional e ao enfrentamento dos problemas do terrorismo e das guerrilhas. (BERTONHA, 2013, pg.5)

Em todo caso, podemos observar no capítulo 1 que no século 21 a Índia vem mantendo um investimento em relação ao seu PIB em média acima de 2,5%, o que coloca as Forças Armadas Indiana como uma das mais fortes do mundo, além do fato de possuírem a arma com o maior poder de dissuasão no século presente, que são suas ogivas nucleares. Logo podemos

¹⁸ A Marinha do Brasil adquiriu em 2018 o atual Navio Capitânia da Esquadra, o “Navio-Aeródromo Multipropósito Atlântico” ou “A140 – Atlântico”. Este navio, embora tenha a capacidade de projetar poder em terra e apoiar operações com Helicópteros, ainda não desempenha totalmente as funções de um Navio-aeródromo como o “São Paulo”, que tem a capacidade de lançar Aeronaves de Ataque do Esquadrão AF-1.

inferir que, em relação aos seus objetivos estratégicos, a Índia tem levantado capacidades militares suficientes para a manutenção de sua soberania local frente ao seu entorno estratégico.

Em se tratando da Rússia, como afirma Bertonha, sua doutrina é mais abstrata e tem mais consistência política. A Estratégia Nacional de Defesa da Rússia oferece um panorama razoável a respeito dos desafios e ameaças identificados e as necessidades das várias forças e serviços armados para enfrentá-los. Bertonha destaca que, ao examinar os vários documentos que compõem a estratégia russa, é possível perceber uma alteração no pensamento estratégico russo na última década. De uma postura defensiva, a postura russa se tornou mais assertiva, tanto pela recuperação do *hard power* russo, como, especialmente, pelo enfraquecimento da aproximação com o Ocidente (BERTONHA, 2013, Pg. 6).

A nova Estratégia Nacional de Segurança da Rússia (ENSR) foi publicada em julho de 2021 e é o principal documento estratégico do Estado, ao qual ficam subordinados a doutrina militar e o conceito da sua política externa. A estratégia identifica as principais tendências e oportunidades da Rússia no "mundo moderno" e procura avaliar os motivos, as intenções e as capacidades dos "outros" e identificar as formas "racionais" e "legítimas" de responder ao seu "dilema de segurança". A estratégia russa enfatiza a importância de lidar com ameaças internas e externas, incluindo o terrorismo e as atividades extremistas, bem como os riscos associados ao uso de armas nucleares, químicas e biológicas. Além disso, ressalta-se a importância da modernização das forças armadas russas e da manutenção da capacidade de dissuasão nuclear, bem como a necessidade de garantir a liderança tecnológica e a autonomia estratégica do país. (FERNANDES; CRUZ, 2021).

Além disso, A Rússia tem adotado medidas nos campos político, econômico e militar para combater as revoluções coloridas¹⁹ e a interferência externa, compondo um programa de "defesa híbrida"²⁰ consideravelmente bem-sucedido para a proteção dos objetivos geoestratégicos russos diante de um cenário de crescentes hostilidades com potências ocidentais. Além disso, a Rússia tem mobilizado unidades militares em um espectro que vai do emprego velado das forças especiais até a deflagração de uma campanha militar convencional (ALVES; DE MACEDO; ROAHNY, 2023, p. 90).

¹⁹ "Revoluções coloridas" é um termo utilizado para se referir a processos de mobilização política que ocorreram em países como Iugoslávia, Geórgia, Ucrânia e Quirguistão, que receberam apoio externo e assumiram contornos de mobilizações da sociedade civil contra lideranças "autocráticas", percebidas por parcelas daquelas sociedades como representantes do antigo status quo. O termo "revoluções coloridas" foi cunhado em razão do uso de cores e símbolos semelhantes pelos manifestantes. (BERZINA apud ALVES, 2023, pg. 3)

²⁰ "Defesa Híbrida" é um conceito que se refere a um conjunto de medidas que combinam ações políticas, econômicas e militares para proteger os interesses estratégicos de um país em um cenário de crescentes hostilidades com potências ocidentais (FERNANDES; CRUZ, 2021).

Com a deflagração da guerra contra a Ucrânia em 2021 pudemos perceber a preocupação da Rússia com sua soberania em relação aos países do ocidente, confirmando a estratégia russa de distanciamento com esses estados. Desde o início do conflito ela vem aumentando seus gastos com defesa para que consiga fazer a manutenção de sua Estratégia Nacional de Defesa. Também podemos observar este aumento nos seus gastos militares de 2014 até 2016, período após a revolução ucraniana e que preocupou os russos devido a maior proximidade da Ucrânia com países ocidentais.

3.2 Impacto dos investimentos na capacidade de defesa

Neste tópico iremos analisar o histórico de investimentos no século XXI feitos por Brasil, Índia e Rússia, iremos ver como se deu e evolução tanto da Indústria de Defesa quanto a evolução de suas Forças Armadas nesse período e iremos verificar a capacidade adquirida por estes países. Com o fim de melhor entendimento vamos analisar estes aspectos isoladamente para cada país em questão.

3.2.1 Impacto dos investimentos na capacidade de defesa do Brasil

Quando se trata dos gastos destinado a defesa no Brasil podemos notar um padrão decrescente ao longo do século XXI quando analisamos o gráfico apresentado no capítulo 1, salvo momentos específicos podemos verificar um padrão decrescente na curva ao longo dos anos nesse período.

Hoje a Base Industrial de Defesa (BID) no Brasil é composta por 170 empresas, sendo 137 credenciadas como Empresas Estratégicas de Defesa (EED)²¹, no entanto as principais empresas de produção de aparato militar são a AVIBRAS, EMBRAER, AMAZUL, IMBEL, EMGEPRON e TAURUS. Dessas empresas somente AMAZUL veio a ser constituída no século XXI, com o objetivo de desenvolver o Programa Nuclear da Marinha (PNM), as demais empresas foram idealizadas no século XX em períodos de grande investimento na Indústria de Defesa no Brasil. Como pontos altos da BID no século XXI, de acordo com Andrade (2016), as principais iniciativas governamentais para fortalecer a Base Industrial de Defesa (BID) no Brasil incluem a Política Nacional da Indústria de Defesa (PNID), aprovada em 2005, que estabeleceu diretrizes para o desenvolvimento da BID e criou mecanismos de incentivo à pesquisa, desenvolvimento e inovação no setor. Além disso, a Política de Desenvolvimento

²¹ Disponível em: <https://portalbids.com.br/2023/06/16/base-industrial-de-defesa-e-seguranca-uma-necessidade-de-todo-o-brasil/>. Acesso em 06 setembro 2023

Produtivo (PDP) de 2008 considerou o complexo industrial de defesa como um dos Programas Mobilizadores em Áreas Estratégicas, enquanto o Plano Brasil Maior, criado em 2011 para dar continuidade à PDP, foi de fundamental importância para a promulgação da Medida Provisória nº 544, em 2011, pela qual foi estabelecido o Regime Especial Tributário para a Indústria de Defesa (Retid), que constituiu um importante incentivo às empresas nacionais do setor de defesa. Também houve a criação da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), em 2004, que teve como objetivo promover a competitividade e a inovação na indústria brasileira, incluindo a BID (ANDRADE, 2016).

Os principais projetos desenvolvidos no século XXI, segundo Andrade (2016, Pg. 22), para o aprimoramento de sua defesa no Brasil são os: Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB), que prevê a construção de quatro submarinos convencionais e um submarino nuclear; Programa Gripen NG, que envolve a aquisição de 36 caças Gripen NG da empresa sueca Saab, além da transferência de tecnologia para a indústria nacional; Programa KC-390, que visa desenvolver e produzir um avião de transporte militar de médio porte, com participação da Embraer e da Força Aérea Brasileira; Programa Astros 2020, que prevê a modernização do sistema de foguetes e mísseis Astros, utilizado pelo Exército Brasileiro; Programa de Desenvolvimento de Satélites (PDS), que tem como objetivo desenvolver e produzir satélites para uso civil e militar, com participação da Agência Espacial Brasileira e da indústria nacional.

Em relação as Forças Armadas no Brasil podemos notar que no período em estudo houve avanços em suas capacidades em área específicas, mesmo que de forma tímida, principalmente na área da defesa cibernética, pois em 2008 a END previu a defesa cibernética como um dos setores estratégicos, ao lado do aeroespacial e nuclear, e ficou a cargo do Exército Brasileiro, como afirma Marques: “O Exército Brasileiro implementou diversos projetos estratégicos para transformação da Força Terrestre, dentre eles a estruturação da defesa cibernética e a consequente proteção dos domínios virtuais de interesse” (MARQUES, 2015, Pg. 2). Portanto, a END impulsionou a implementação da defesa cibernética como um setor estratégico.

3.2.2 Impacto dos investimentos na capacidade de defesa da Índia

A Índia no século 21 vem mantendo seus gastos com defesa acima de 2,5% do seu PIB, chegando a cerca de US\$ 81 bilhões de investimento em 2022. O pico de seu investimento foi em 2009, quando atingiu cerca de 3,13%, muito pelo seu projeto espacial naquele período.

A Base Industrial de Defesa Indiana é caracterizada por uma política industrial proativa, com visão holística e preocupada com a independência tecnológica e econômica do país. Também há a importância da inserção da iniciativa privada no desenvolvimento de tecnologia. Embora as empresas estatais sejam importantes para criar um surto industrial inicial e estarem sustentando uma boa participação indiana entre as 100 maiores indústrias de defesa do mundo, em algum momento a inovação se torna estagnada ou passa a evoluir de forma lenta. Portanto, a evolução da Base Industrial de Defesa Indiana parece estar em andamento, mas ainda enfrenta desafios em relação à inovação e à participação da iniciativa privada. Além disso, a política de offset tem sido uma importante ferramenta para o desenvolvimento da Base Industrial de Defesa Indiana, pois tem incentivado a transferência de tecnologia e a produção local de equipamentos militares (PAULA, 2017).

Segundo Paula (2017) em 2010 o Primeiro-Ministro indiano externou o objetivo do país em reduzir de forma crescente a importação de equipamentos, bem como promover sua inserção no mercado mundial de defesa baseado em suas capacidades tecnológicas:

Our aim is to have a strong defence industrial base in India, because a country like India cannot indefinitely depend on foreign suppliers for majority of our equipments. At the moment 65-70 percent of equipment is imported; we have to reverse this trend (ALISSON apud PAULA, 2017, 204).

Assim como também afirma Manan Jaisinghani, em sua página no *Invest India*, sobre o cenário da indústria de defesa da Índia:

O Ministério da Defesa estabeleceu uma meta de atingir um faturamento de US\$ 25 bilhões em manufatura aeroespacial e de defesa até 2025, o que inclui exportações de US\$ 5 bilhões. Até outubro de 2022, um total de 595 Licenças Industriais foram emitidas para 366 empresas que operam no Setor de Defesa (JAISINGHANI, 2023).

Alguns dos principais projetos em andamento abrangem o caça leve Tejas, representando um marco significativo na produção nacional de aeronaves de combate, e o projeto INS Vikrant, que busca consolidar a capacidade de projeção de poder da Marinha Indiana. Além disso, a Organização Indiana de Pesquisa Espacial (ISRO) continua a trabalhar para aprimorar seu projeto espacial, e o Projeto Arihant na área da dissuasão nuclear. Também se destaca o desenvolvimento de sistemas avançados, como o sistema de míssil antiaéreo Akash e submarinos de última geração sob o Projeto 75.

Sobre suas Forças Armadas e como apresentado no capítulo 1 é uma força robusta e conta com cerca de 1,4 milhões de militares na ativa, sendo a maioria do exército, depois força aérea e por último a marinha. Segundo Neves Júnior (2015, pg. 97) o modelo adotado para

modernização de suas forças foi priorizar o orçamento destinado a defesa na Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e aquisições que proporcionem a modernização militar que incorpora conceitos de Guerra Centrada em Rede, digitalização, consciência de situação ampliada e ataque de precisão e comando do espaço em sua doutrina.

Há um aumento acentuado dos gastos com itens de modernização e um incremento em números absolutos das despesas com pessoal e pensões, mas uma redução proporcional destes últimos em relação aos gastos militares totais. Em outras palavras, o aumento do orçamento de defesa verificado nos últimos anos foi direcionado majoritariamente para as demandas relacionadas à modernização e uma parte menor desse aumento foi destinada ao pessoal e pensões, de forma que os dois quesitos tiveram aumentos absolutos de renda, mas apenas os recursos de modernização ganharam maior representatividade dentro do orçamento total. (NEVES JUNIOR, 2015, pg. 96).

Além disso, Neves Junior também discorre sobre como foi o modelo adotado para a priorização dos recursos em defesa:

A Índia aposta em um modelo híbrido, que prevê uma modernização mínima combinada com a configuração tradicional das Forças Armadas. A modernização mínima se baseia nas vantagens da defesa e dificuldades logísticas do atacante. Em relação às capacidades colocadas pela digitalização, a Índia avança integralmente nas áreas mais ligadas à informatização e operações conjuntas (NEVES JUNIOR, 2015, pg. 96).

3.2.3 Impacto dos investimentos na capacidade de defesa da Rússia

Quando analisamos o investimento da Rússia em sua defesa podemos ver que a média no século 21 foi a partir de 3,0%. Em 2022 a Rússia chegou a 4,06% do PIB em investimento em sua defesa, chegando a cerca de US\$ 86 bilhões, e de acordo com o gráfico no capítulo 1 a curva está em ascendência desde o início do conflito com a Ucrânia em 2021. Podemos notar que no período de 2011 até 2016 também houve um crescimento de 3,43% para 5,43% pelo fato deste período ser marcado por incertezas devido a crise na Ucrânia, como apontado no início deste capítulo. A questão agora é se podemos esperar um avanço nos investimentos russos, tendo em vista sua situação atual de guerra. No entanto, para fins de análise vamos considerar o século 21 sem focar especificamente no período de conflito entre Rússia e Ucrânia ou outro momento de mais tensão.

As fontes de pesquisa para apresentar os projetos que foram afetados por este investimento russo são escassos, no entanto, segundo o Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), podemos extrair que em relação a sua indústria de defesa a empresa russa Almaz-Antey²² ocupa a 14ª posição no rank global das indústrias de defesa do mundo.

²² Almaz-Antey é uma empresa que desenvolve mísseis de cruzeiro e sistema de defesa anti-aérea.

Após ela também tem a United Aircraft Corp. e a United Shipbuilding Corp., que ocupam a 20ª e 24ª posições no rank respectivamente. Além disso, a Rússia ocupa a 2ª colocação de país dos países que mais exportam armas e equipamentos militares no mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos.

No entanto, uma questão a ser pontuada é o investimento contínuo nas armas russa de destruição em massa. Podemos notar isso com o fato que hoje a Rússia detém o maior arsenal nuclear do mundo, cerca de 47% de todo arsenal global, seguido por Estados Unidos, que possui 42%, segundo dados do SIPRI. Este é um dado que mostra as pretensões da Rússia em sempre manter seu *Hard Power* forte.

As Forças Armadas da Rússia, que hoje contam com cerca de 830.000 militares da ativa, estão previstas para aumentar para 1,5 milhão até o final de 2023, como anunciou o Ministro da Defesa Russo Sergei Shoigu. Também foi anunciado uma reestruturação nas forças armadas entre 2023 a 2026, segundo site do Ministério de Defesa da Federação Russa²³

3.3 Comparação das capacidades de Defesa

Com as informações apresentadas até aqui vamos comparar diretamente como está a capacidade de defesa de Brasil, Índia e Rússia. Vamos iniciar analisando o território dos países em estudo, focando principalmente em sua extensão. Após isso vamos comparar suas forças armadas, verificando questões como número de pessoal que prestam serviço ativo e os meios de suas forças. Por fim vamos verificar como foi o direcionamento dos recursos em suas defesas ao longo do século 21 de modo comparativo.

3.3.1 Extensão territorial e população

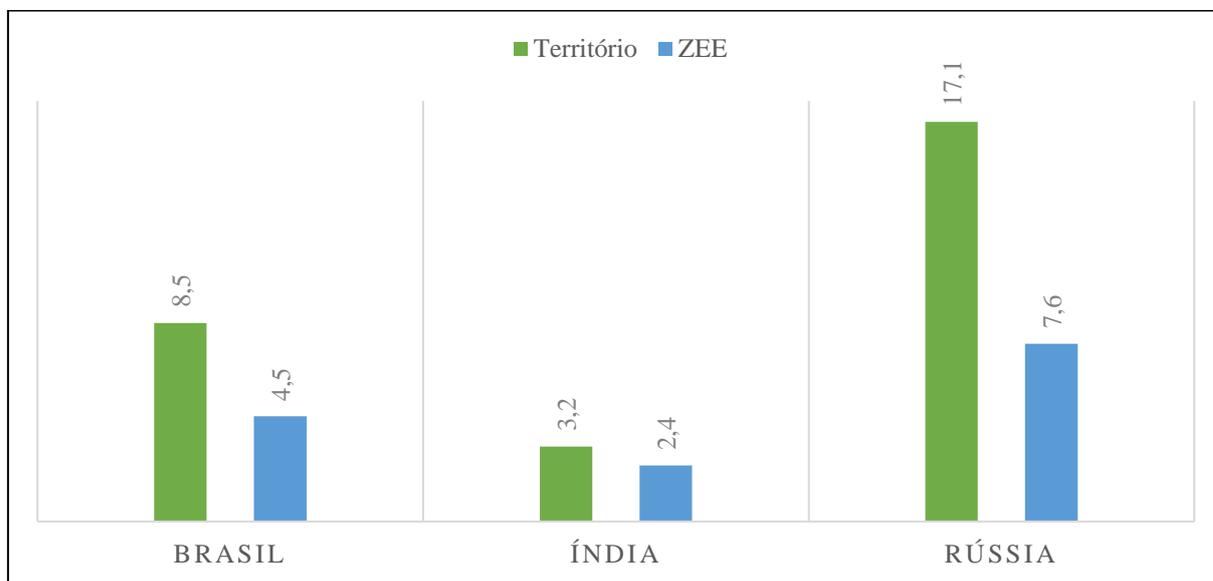
Quando analisamos o Brasil vemos que é uma nação vasta e diversificada, conhecida por seu imenso território terrestre e pela influência significativa de sua "Amazônia Azul". Com aproximadamente 8,5 milhões de quilômetros quadrados, o território brasileiro é o quinto maior do mundo, abrangendo uma ampla variedade de ecossistemas, desde a densa floresta amazônica até o árido sertão nordestino. Além disso, o Brasil também conta com a "Amazônia Azul", que se refere à extensa zona econômica exclusiva (ZEE) do Brasil no Oceano Atlântico, que se estende por mais de 4,5 milhões de quilômetros quadrados e detém riquezas minerais e biodiversidade marinha.

²³ Disponível em: https://eng.mil.ru/en/news_page/country/more.htm?id=12451669@egNews. Acesso em: 08 Setembro 2023.

O território da Índia, um país do sul da Ásia, abrange aproximadamente 3,2 milhões de quilômetros quadrados. A Índia também possui uma significativa Zona Econômica Exclusiva (ZEE) que se estende pelas águas do Oceano Índico. A ZEE da Índia cobre uma área que abrange aproximadamente 2,4 milhões de quilômetros quadrados. Essa extensão marítima oferece ao país fonte de recursos marinhos, como peixes e minerais, além de ser estrategicamente relevante para o comércio internacional e para a segurança nacional da Índia.

O território russo, o maior do mundo, tem uma extensão de cerca de 17,1 milhões de quilômetros quadrados, a Rússia ocupa aproximadamente 11% da área total da superfície terrestre do planeta. Essa dimensão monumental abriga uma ampla gama de paisagens naturais, climas e ecossistemas, que vão desde as vastas estepes e tundras no Norte até as montanhas do Cáucaso e os extensos sistemas de rios e lagos, incluindo o famoso Lago Baikal. Além disso, a ZEE da Rússia é uma extensão marítima que se estende por mais de 7,6 milhões de quilômetros quadrados e oferece uma ampla gama de recursos marinhos, incluindo peixes, petróleo, gás natural e minerais. O Gráfico 4 mostra os dados apresentados:

Gráfico 4 - Extensão territorial (em M Km²)



Fonte: Elaborado pelo autor

3.3.2 Comparação de defesa

Para a defesa, primeiro analisaremos a tabela abaixo com os meios, seguido de um gráfico que ilustrará o pessoal da ativa disponível em suas Forças Armadas. Vale ressaltar que

os dados aqui utilizados foram retirados da mesma fonte de pesquisa²⁴ e pela escassez de informação nessa área, principalmente por parte de Índia e Rússia, os valores podem ter pouca variância em relação ao valor correto. No entanto os dados apresentados servem para uma base de estudo e comparação, como é apresentado na Tabela 1.

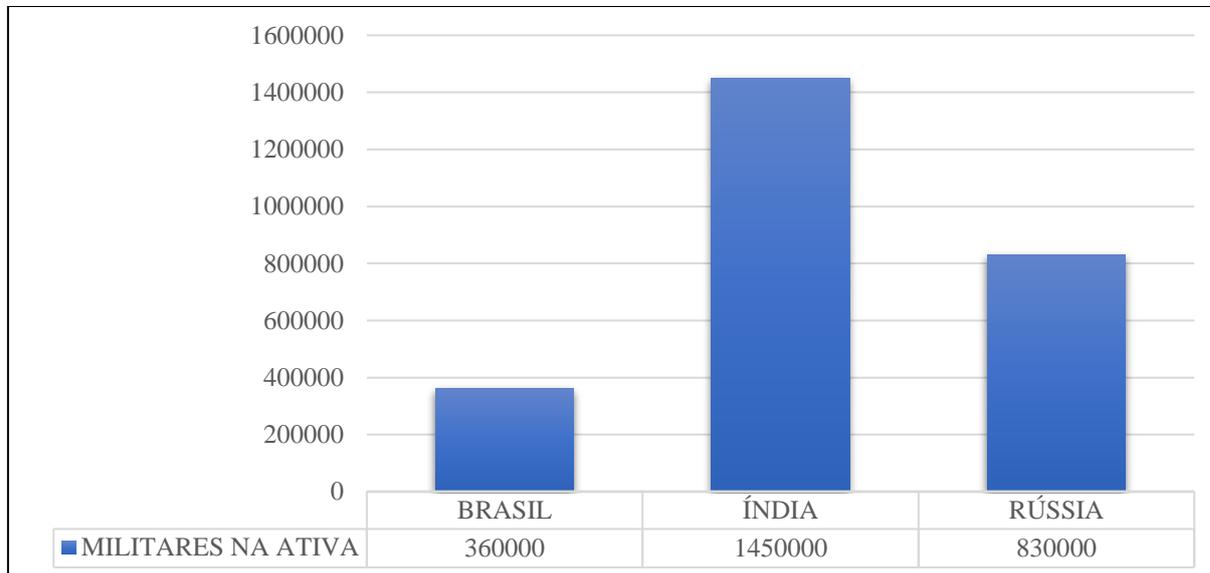
Tabela 1 - Meios Disponíveis de Brasil, Índia e Rússia

MEIOS	Brasil	Índia	Rússia
Porta-Aviões	0	2	1
Porta-Helicópteros	1	0	0
Artilharia Auto-Propulsada	136	100	6575
Carros de Combate/Blindados	466	4614	12566
Aeronaves	665	2210	4182
Submarinos	7	18	70
Fragatas	6	12	11
Corvetas	2	19	86

Fonte: Elaborado pelo autor e dados retirados de: <https://www.globalfirepower.com/>

Em relação ao seu pessoal da ativa temos o que se segue no Gráfico 5:

Gráfico 5 - Gráfico quantidade de militares da ativa de Brasil, Índia e Rússia



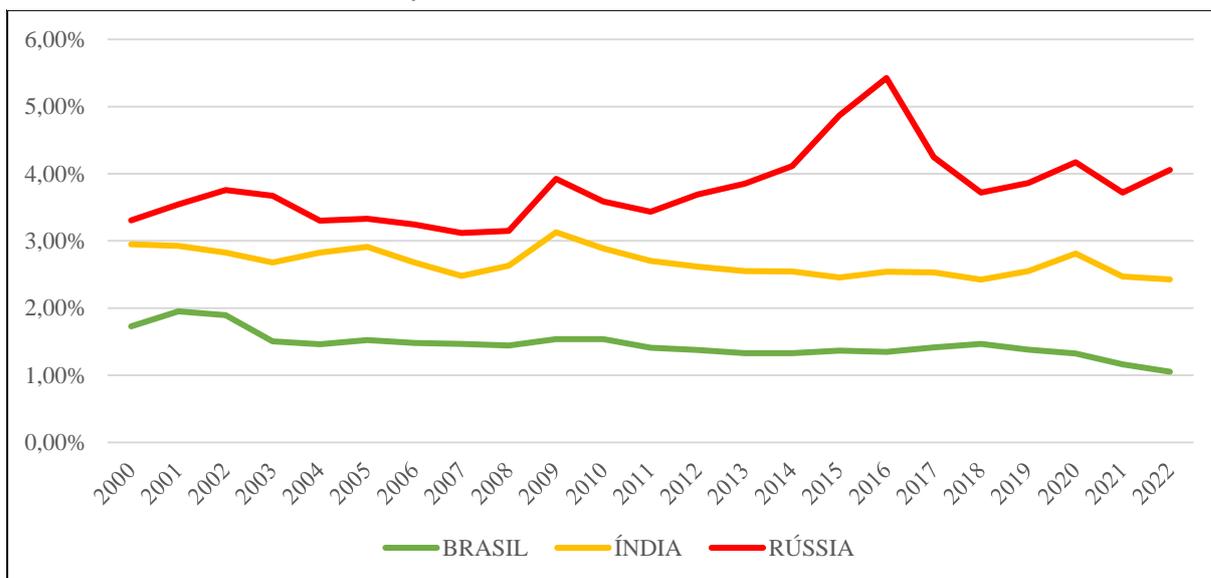
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

3.3.3 Investimento em Defesa

Neste ponto vamos analisar os gráficos apresentados no capítulo 1 de forma comparativa para os três países, conforme é apresentado no Gráfico 6:

²⁴ Dados retirados do site: <https://www.globalfirepower.com/>. Acesso em: 10 Setembro 2023

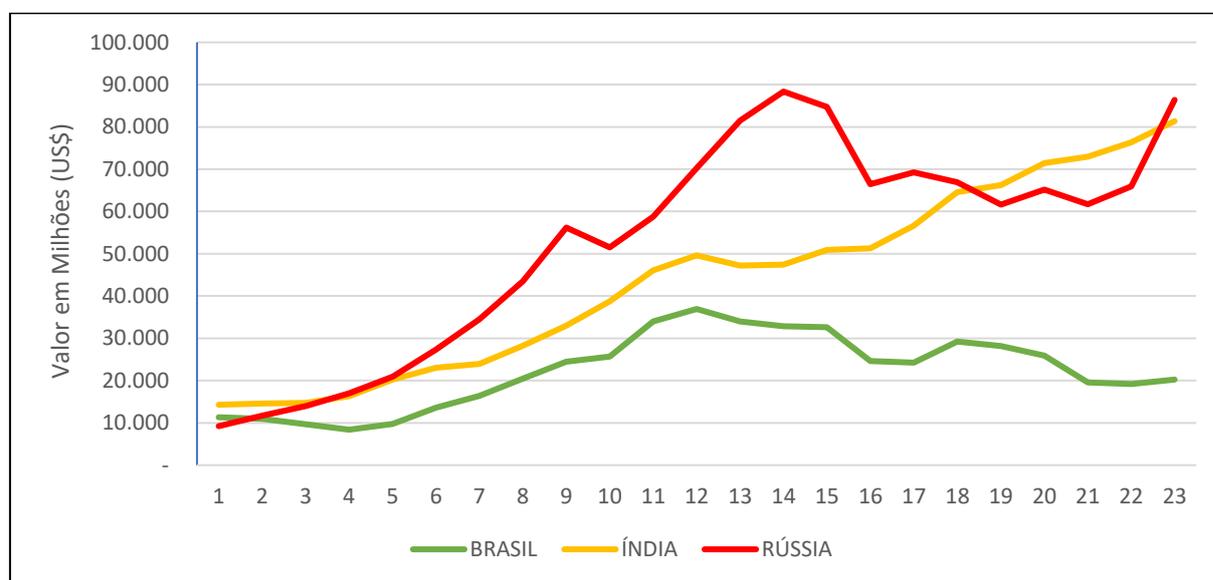
Gráfico 6 - Gasto com defesa em relação ao PIB



Fonte: SIPRI (2023)

Quando traduzimos os valores apresentados no gráfico acima para dólares podemos ter uma melhor compreensão do dinheiro dispendido para a defesa, como é apresentado no Gráfico 7:

Gráfico 7 - Gasto em Milhões (US\$) em relação ao ano



Fonte: SIPRI (2023)

Com as informações acima podemos ver que no início do século os três países direcionavam valores bem próximo, no entanto, com o decorrer do tempo Índia e Rússia se

procuraram um maior desenvolvimento para sua defesa, se afastando do Brasil em relação aos seus gastos. Hoje o Brasil segue em uma distância considerável dos outros dois países.

CAPÍTULO 3

PRINCIPAIS DESAFIOS DE DEFESA

O presente capítulo irá abordar os principais desafios enfrentados por Brasil, Índia e Rússia em relação as suas defesas, com o foco na análise em pontos como: os fatores que influenciam a segurança nacional e suas estratégias de defesa, suas ameaças internas e externas, seus conflitos históricos e potenciais e suas questões geopolíticas. A análise destes pontos tem o objetivo de buscar compreender os números apresentados no investimento destinado na defesa destes países, o que vai ser importante para entender as motivações destes países para se fortalecer. O capítulo seguirá o modelo usado nos capítulos anteriores, onde iremos analisar de forma isolada Brasil, Índia e Rússia.

4.1 Desafios da defesa do Brasil

A localização geográfica do Brasil e sua extensão territorial são fatores-chave que influenciam a segurança nacional. A presença de fronteiras extensas com diversos países sul-americanos pode gerar desafios relacionados a contrabando, tráfico de drogas e armas. A Amazônia, uma das maiores reservas naturais do mundo, também é estratégica e suscita preocupações quanto à sua preservação e soberania.

Além disso, também há dilemas que afetam a capacidade e desenvolvimento da defesa do Brasil, como afirma Bertonha:

Vários dilemas e problemas podem atrapalhar os planos de Brasília, como os graves problemas ainda existentes na economia brasileira (como a infraestrutura e a baixa qualidade da educação), as resistências à liderança brasileira na América do Sul, a pouca densidade de várias das alianças formadas recentemente (como a do grupo dos BRICS, o G-4 ou o G-20) e os riscos de tensão com os Estados Unidos.

De qualquer modo, é essa a primeira especificidade brasileira frente aos outros BRICs, ou seja, a menor confiança na força militar ou mesmo no peso econômico para sustentar seus planos. O Brasil não tem, e não terá, por muitos anos ainda, a força econômica ou militar necessária para sustentar algum tipo de competição mais densa com os Estados Unidos, a China ou a Rússia e não acredita que a aquisição de tais elementos de poder seja algo necessário. (BERTONHA, 2013, pg. 122)

No entanto, uma grande vantagem estratégica brasileira em relação aos outros BRICS é a sua instabilidade interna. Mesmo diante das disparidades regionais, da desigualdade social e de uma longa história de subordinação dos afrodescendentes aos de ascendência europeia, o país não enfrenta conflitos religiosos ou étnicos significativos. Além disso, a questão indígena,

que inflama consideravelmente uma boa parte da América Latina, possui menor impacto no Brasil, quer haja ou não justificativas para suas tensões (BERTONHA, 2013, 122).

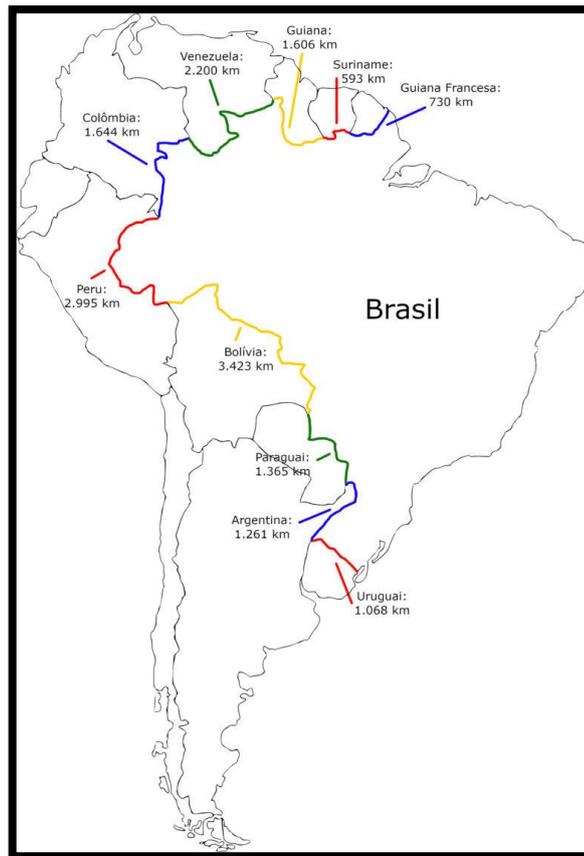
Também podemos citar o sentimento nacional absoluto, sem grandes grupos separatistas formados, as instituições razoavelmente sólidas e a estabilidade econômica, guerrilha e terrorismo também não existem, a não ser potencialmente, e o problema da criminalidade é contornável e visto como um problema policial e não militar, salvo em momentos específicos. (Ibid, p.122).

Em relação a conflitos históricos, o Brasil, participou da Guerra do Paraguai de 1864 à 1870, da Revolução Constitucionalista de 1932 e a da Segunda Guerra Mundial em 1945. Devido à sua característica pacífica o Brasil não intervém em conflitos de outros países, somente atuando para defender seu território e se limitando a participações em missões de imposição ou manutenção da paz da Organização das Nações Unidas (ONU). Tal ponto pode ser considerado positivo ou negativo. O ponto positivo é que a economia no Brasil não passa por grandes turbulências devido a conflitos em seu território, o que deveria proporcionar um maior investimento em defesa. O outro lado desta análise é que devido ao seu pobre histórico de batalhas a defesa não tem a atenção que deveria e devemos desenvolver nossas doutrinas militares principalmente com operações e batalhas de outros estados.

No tocante a sua geografia, como apresentado no capítulo 2, o Brasil é o país com o 5º maior território do mundo, possuindo cerca de 8,5 km², perdendo somente para Rússia, Canadá, Estados Unidos e China. Sua fronteira se estende por quase 17.000 km e 10 dos 12 países da América do Sul circundam suas linhas fronteiriças²⁵, conforme a Figura 1.

²⁵ Somente Chile e Equador não fazem fronteira com o Brasil.

Figura 1 - Fronteira do Brasil com os países da América do Sul



Fonte: InfoEscola

Dentro de sua fronteira existe a Amazônia Legal, que compreende uma extensa região de 5,2 milhões de km² e cobre nove estados brasileiros. É uma área de grande importância ambiental e estratégica devido à sua riqueza em biodiversidade, recursos naturais e sua influência no equilíbrio climático global, o que a torna um assunto importante na pauta das discussões diplomáticas, logo a manutenção da soberania sobre a região é muito importante. Em termos comparativos a área que a Amazônia Legal abrange equivale ao território de França, Alemanha, Espanha, Itália e Reino Unido combinados.

Além de manter a soberania sobre a região amazônica, o Brasil também deve inibir os diversos delitos transfronteiriços na região, o que demanda um patrulhamento eficiente de sua fronteira, rios e terreno em seu interior, tendo em vista que faz fronteira com os maiores produtores e contrabandistas de drogas do mundo. Podemos observar isso na Figura 2:

Figura 2 - Fronteira da Amazônia Legal



Fonte: Instituto Democracia e Sustentabilidade

Além de suas áreas e fronteiras terrestres, o Brasil ainda tem a responsabilidade da defesa de sua Amazônia Azul, que abrange quase 4,5 milhões de km² de área marítima, como é caracterizada pela página do Comando-Geral Corpo de Fuzileiros Navais (CGCFN) no site da Marinha do Brasil (MB):

[...]Trata-se de uma extensa área oceânica, adjacente ao continente brasileiro, que corresponde a, aproximadamente, 52% da nossa área continental e que, devido à importância estratégica, às riquezas nela contidas e à imperiosa necessidade de garantir sua proteção, a Marinha do Brasil (MB), buscando alertar a sociedade sobre os seus incalculáveis bens naturais, sua biodiversidade e sua vulnerabilidade [...]²⁶

Contudo, em relação a sua geopolítica, a vantagem do Brasil é a tranquilidade de seu entorno estratégico. Enquanto o arco andino e a Venezuela enfrentam sérios problemas de estabilidade interna, as fronteiras brasileiras, embora permeáveis ao tráfico de drogas, armas e criminalidade em geral (apesar dos esforços recentes para reforçar o controle aéreo e terrestre), não estão ameaçadas por superpotências ou vizinhos agressivos. Não há na vizinhança imediata do Brasil nenhum país com poder excessivo que represente uma ameaça à sua soberania

²⁶ Disponível em: https://www.marinha.mil.br/cgcfn/amazonia_azul. Acesso em 03 outubro 2023.

nacional ou que possa servir como contrapeso à sua posição de hegemonia regional. Tanto os concorrentes do passado, como a Argentina, quanto os possíveis desafios atuais, como a Venezuela, já aceitaram, embora com alguma relutância, essa nova dinâmica (BERTONHA, 2013, p. 123). O que pode explicar, em parte, os recursos abaixo do esperado para a defesa de um país do seu tamanho.

4.2 Desafios da defesa da Índia

A Índia confronta desafios internos no âmbito de sua segurança e defesa, os quais são provenientes de complexidades políticas, étnicas, sociais e econômicas. A gestão de conflitos e tensões internas, notadamente aqueles relacionados a insurgências e atividades terroristas²⁷, representa um dos principais desafios, principalmente na região da Caxemira. Além disso, movimentos separatistas em algumas regiões, como o Nordeste e partes da Índia central, demandam uma resposta estratégica eficaz. A diversidade cultural e étnica do país, embora uma riqueza, também pode ser uma fonte de tensão, exigindo uma abordagem equitativa e inclusiva na formulação de políticas de segurança. A interseção desses fatores com desafios socioeconômicos, como pobreza, desigualdade e falta de acesso a recursos básicos, ressalta a necessidade de uma abordagem que aponte não apenas as dimensões militares, mas também as questões subjacentes que afetam a segurança interna da Índia.

A Índia possui um território com 3,2 Km² e o segundo mais populoso do mundo, com quase 1,4 bilhões de habitantes. O território indiano limita-se com a China, o Nepal e o Butão, ao norte; com Bangladesh e a Baía de Bengala, ao sul e a leste; com Estreito de Palk, ao sul; e com o Paquistão, ao norte e oeste. O país é banhado pelo oceano Índico. A figura 3 ilustra essas informações:

²⁷ O terrorismo na Índia, segundo o Ministério do Interior, apresenta uma ameaça significativa para o povo indiano. A Índia enfrenta diversos grupos terroristas, incluindo o terrorismo islâmico, hindu, sikh, separatista, de extrema-esquerda, além de narcoterrorismo e vários outros. O SATP (Portal de Terrorismo do Sul da Ásia) listou 180 grupos terroristas que operam na Índia nos últimos 20 anos. Fonte: <https://www.satp.org/terrorist-groups/india>. Acesso em 04 outubro 2023.

Figura 3 - Território indiano



Fonte: Cola da Web

Historicamente a Índia não teve participações em grandes batalhas em âmbito internacional, no entanto ela vem mantendo uma constante tensão com o Paquistão desde 1947 e com a China desde 1962, ambos devido a região da Caxemira. A compreensão da disputa nesse local é muito importante para entendermos as questões Geopolíticas da Índia e seu esforço para se fortalecer.

A Caxemira, localizada na parte norte do subcontinente indiano²⁸, é um território que a Índia e o Paquistão disputam há décadas, desde o fim do domínio britânico. As raízes das tensões na região remontam à Guerra da Independência de 1947, que levou ao surgimento de dois países distintos: a Índia, de maioria hindu, e o Paquistão, de maioria muçulmana. Em 1947, as Nações Unidas propuseram um plebiscito para que a população local pudesse decidir o destino político da Caxemira e determinar a sua independência. No entanto, este plebiscito nunca aconteceu e a Caxemira foi anexada pela Índia, contra a vontade do Paquistão e da maioria da população muçulmana local. Este desacordo levou à guerra de 1947-1948, que acabou por resultar na fragmentação do território: aproximadamente um terço do território

²⁸ O Subcontinente indiano é a região ao Sul da Ásia, onde está localizado os países Índia, Paquistão, Bagladesh, Nepal e Butão. Também chamado de Hindustão ou Indostão.

estava sob controlo paquistanês (Azad Caxemira e a região norte, hoje conhecida como Gilgit-Baltistão) e o resto permaneceu sob administração indiana.

Além disso, em 1962, a República Popular da China anexou parte de Jammu e Caxemira, nomeadamente Aksai Chin. No ano seguinte, o Paquistão cedeu parte do seu território norte à China. Em 1965, novos conflitos não trouxeram alterações territoriais significativas. A partir da década de 1980, grupos separatistas rebeldes começaram a operar na Caxemira administrada pela Índia, matando mais de 25 mil pessoas. A Índia acusa o governo paquistanês de apoiar os rebeldes, que procuram a unificação com o Paquistão, intensificando a repressão. Actualmente, a situação na região continua tensa, não só devido ao conflito com o Paquistão, mas também devido ao movimento de independência em curso na Caxemira. Na Figura 4 podemos ver a divisão deste território.

Figura 4 - Divisão do território da Caxemira



Fonte: Geography & Map Reading Room

Sendo assim podemos notar que o entorno estratégico da Índia é delicado e necessita de uma atenção constante, sendo comparado a uma bomba que pode explodir a qualquer momento. Por isso Bertonha (2013, Pg. 116) já apontava que a Estratégia Nacional de Defesa (END) da Índia gira em torno do Paquistão e China. Além do mais, o fato de que os três países possuem armas para dissuasão nuclear atribui ainda mais credibilidade a este apontamento.

4.3 Desafios da defesa da Rússia

A federação Russa tem o maior território do planeta, com cerca de 17 milhões de km² e com uma população de 144 milhões de habitantes. Suas fronteiras são divididas com Noruega, Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, China, Mongólia e Coreia do Norte. Podemos verificar isso na Figura 5:

Figura 5 - Mapa político Rússia



Fonte: <https://www.gestaeducacional.com.br/mapa-da-russia-tipos-de-mapa-e-curiosidades/>

Ao longo de sua história a Rússia esteve envolvida em grandes conflitos mundiais e regionais, o que moldou sua postura agressiva e impulsionou a manutenção de seu *Hard Power*. Principalmente no século 20 o país se envolve em guerras que garantam seus interesses, podemos citar as duas Guerras Mundiais que participou como um ator importante ao lado dos EUA; sua invasão na Tchecoslováquia em 1968; a invasão no Afeganistão de 1979 à 1989; e a guerra fria, contra os EUA, que durou de 1947 a 1991. Curiosamente esta última, mesmo sem haver conflito armado contra seu inimigo, foi a guerra em que a Rússia mais se fortaleceu e desenvolveu sua indústria bélica, principalmente em relação a sua capacidade de dissuasão nuclear, se tornando o país no mundo que tem o que mais dispõe desta capacidade.

A Rússia também enfrenta problemas internos como o terrorismo islâmico e o separatismo em várias províncias, em especial a Chechênia. No entanto os principais desafios

estão nas tensões geopolíticas e na manutenção de sua soberania frente aos países ocidentais, principalmente em relação aos Estados Unidos (EUA).

Desde o fim da União Soviética (URSS) a região do leste da Europa apresentou as maiores fontes de tensões e conflitos para a Rússia, principalmente a região da Criméia, que mesmo fazendo parte da Ucrânia foi anexada pela a federação russa em 2014. Hoje, além desta região, a fronteira com os países em seu entorno é o grande foco dos esforços russos e se apresenta como grande pivô do conflito atual contra a Ucrânia, tendo também a participação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Manter a OTAN afastada de possíveis fragilidades de seu território é uma preocupação constante da federação russa. Já em 2013 Bertonha apontava essa questão:

No campo externo, seus maiores problemas parecem estar na relação com o Ocidente e no antigo território da URSS. A expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para a Europa do Leste e o Cáucaso parece ser vista, realmente, como um risco potencial (Giles 2010), a ser enfrentado com todas as forças do Estado. Já a ingerência de outros países nos antigos países membros da URSS é identificada como um perigo para a hegemonia russa na área que Moscou identifica como de sua competência. Isso explica porque a Rússia, apesar de não estar em conflito direto com o Ocidente e, em particular, com os EUA, está claramente em disputa com este nos mais variados campos (Blanck 2009). Moscou, efetivamente, parece olhar, ao menos no momento atual, com mais preocupação para suas fronteiras ocidentais do que para as orientais, mesmo com uma China cada vez mais poderosa ao seu lado (BERTONHA, 2013, Pg. 118).

A Crimeia, uma península localizada no Mar Negro, tem sido historicamente uma área de importância geopolítica e estratégica para a Rússia, devido a principalmente ao acesso às “águas quentes” do Mar negro e a exploração de recursos naturais e energéticos da região. Em 1954, a União Soviética transferiu administrativamente a Crimeia para a República Socialista Soviética da Ucrânia, uma ação que não tinha relevância direta enquanto ambas eram repúblicas soviéticas. No entanto, após a dissolução da União Soviética em 1991, a Crimeia tornou-se parte da Ucrânia independente. Em 2014, em meio a protestos e instabilidade política na Ucrânia, a Rússia anexou a Crimeia, alegando motivos étnicos, históricos e a necessidade de proteger a população de língua russa. A anexação foi amplamente condenada pela comunidade internacional, levando a sanções econômicas contra a Rússia e a continuação de tensões regionais. A Figura 6 apresenta como é disposto esta região:

Figura 6 - Localização de Rússia, Ucrânia e a Criméia



Fonte: <https://www.infoescola.com/historia/tomada-da-crimea-pela-russia-2014/>

Além disso, Bertonha (2013) também argumentou que a capacidade militar que a Rússia trabalha para aprimorar não é dissuasória e não tem como prioridade a projeção de poder fora da Eurásia, mas sim a recuperação da hegemonia estratégica em seu entorno. Ou seja, recuperar o entorno para retornar ao cenário global. Este fato apontado por Bertonha parece fazer sentido em 2023 quando analisamos a resposta agressiva da Rússia frente a possibilidade da Ucrânia fazer parte da OTAN, o que iria ser uma ameaça no seu entorno estratégico, devido a fronteira dos dois países e a possível utilização da Crimeia.

CONCLUSÃO

Em um mundo marcado por constantes realinhamentos geopolíticos, o investimento em defesa torna-se um indicador não apenas da capacidade militar de uma nação, mas também de sua projeção e influência no cenário internacional. As análises sobre os padrões de investimento em defesa de Brasil, Índia e Rússia oferecem uma visão clara de suas ambições e do papel que pretendem desempenhar no palco mundial.

A Rússia, com um legado da Guerra Fria e um histórico de disputas territoriais, tem em sua defesa um dos pilares centrais de sua política externa. Segundo Brzezinski (1997), a Rússia vê seu investimento em defesa como uma necessidade, tanto para proteger seus vastos territórios quanto para reafirmar sua influência em zonas estratégicas, como o Leste Europeu e a Ásia Central.

A Índia, por outro lado, com uma localização geográfica estratégica entre o Oriente Médio e o Sudeste Asiático, enfrenta desafios de segurança tanto em suas fronteiras terrestres quanto marítimas. Kaplan (2010) argumenta que o aumento do investimento em defesa da Índia é uma resposta às crescentes tensões com vizinhos como a China e o Paquistão, bem como uma tentativa de afirmar-se como uma potência naval no Oceano Índico.

O Brasil, em contraste com a Índia e a Rússia, tem historicamente mantido um nível relativamente baixo de investimento em defesa. Isso pode ser atribuído, em parte, à sua geografia favorável, sem inimigos históricos em suas fronteiras e uma posição geográfica menos contenciosa. No entanto, como Mearsheimer (2001) pontua, o poder militar, em muitos casos, é uma extensão do poder econômico e político. Se o Brasil aspira a um papel mais ativo e influente na comunidade internacional, é imprescindível que dê maior atenção ao seu aparato de defesa.

Além dos aspectos puramente militares, o investimento em defesa também pode ser visto como um sinal de intenções geopolíticas. Como Huntington (1993) observou, as decisões de um país sobre defesa refletem suas ambições e a imagem que deseja projetar para o mundo. Nesse sentido, o baixo investimento do Brasil pode ser interpretado por outros países como uma falta de interesse em assumir responsabilidades globais ou regionais mais amplas.

A motivação para investimentos em defesa muitas vezes ultrapassa as ameaças imediatas. É também uma forma de um país sinalizar suas intenções, construir alianças e, em alguns casos, deter adversários. Para o Brasil, aumentar o investimento em defesa não é apenas uma questão de segurança, mas também de projeção de poder e influência. Como Keohane

(1977) sugere, em um mundo interconectado, a capacidade de um país de influenciar outros está diretamente ligada à sua capacidade de se defender e projetar poder.

Em conclusão, enquanto a Rússia e a Índia veem seus investimentos em defesa como essenciais para suas aspirações geopolíticas e desafios de segurança, o Brasil, até o momento, permaneceu relativamente complacente. Para o Brasil desempenhar um papel mais ativo e influente no cenário internacional, é crucial que reavalie sua postura em relação ao investimento em sua defesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Tucídides, História da guerra do Peloponeso. Prefácio de Hélio Jaguaribe; trad. do grego de Mário da Gama Kury. 4ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. Livro V, capítulos 84-113.

O'NEILL, Jim. **Building Better Global Economic BRICs.** Global Economics, Nova Iorque: Goldman Sachs Global Research Center, n. 66, 2001. Disponível em: <<http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/build-better-brics.pdf>>. Acesso em: 17 de JULHO de 2023.

NYE, J. S.; TIAGO ARAÚJO; LYRA, E. **O paradoxo do poder americano: por que é que a única superpotência mundial não pode actuar isoladamente.** [s.l: s.n.].

DE PAULA, Pérsio Glória. **DIPLOMACIA E DEFESA NOS BRICS: UMA BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA DE DEFESA NO BRASIL E NA RÚSSIA NO SÉCULO XXI (2001–2015).**

GOMES, Thiago Cunha. **As relações do Brasil no contexto dos BRICS e seus reflexos na Política Nacional de Defesa.** 2018.

Bertonha, João Fábio. **A Estratégia Nacional De Defesa Do Brasil E a Dos Outros BRICs Em Perspectiva Comparada.** Revista Brasileira De Política Internacional 56.2 (2013): 112-30. Web.

Bertonha, Joao Fabio. **Brazil: An Emerging Military Power? The Problem of the Use of Force in Brazilian International Relations in the 21st Century.** Revista Brasileira De Política Internacional 53.2 (2010): 107-24. Web.

Global Firepower - 2020 World Military Strength Rankings. Disponível em: <<https://www.globalfirepower.com/>>. Acesso em: 21 de julho de 202

RUDZIT, G.; NOGAMI, O. **Segurança e Defesa Nacionais: conceitos básicos para uma análise.** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 53, n. 1, p. 5–24, jan. 2010.

BENTO, M. et al. **Defesa Cibernética Brasileira: O Uso do SIMOC para a Formação de Combatentes.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/ensino_e_pesquisa/defesa_academia/cadn/XV_cadn/defesaa_ciberneticaa_brasileira_oa_usoa_doa_simoca_paraa_aa_formacao_dea_combatentes.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VILLANOVA, C. **Diplomacia pública e imagem do Brasil no século XXI.** Brasília: Fundação Alexandre De Gusmão, 2017.

The Russian Federation Ministry of Defence official homepage on the Internet. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20080305043706/http://mil.ru/eng/>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

The Russian Government. Disponível em: <<http://government.ru/en/>>. Acesso em 28 de julho 2023

Schneider, E. (2008). **The Russian Federal Security Service under President Putin.** In: White, S. (eds) Politics and the Ruling Group in Putin's Russia. Studies in Central and Eastern Europe. Palgrave Macmillan, London. https://doi.org/10.1057/9780230583061_3

ALVES, W.A; MACEDO, B.V; ROAHNY, L. **Rússia e a Guerra Híbrida: Contramedidas Estatais em cenários de interferência externa.** [s.d]. Disponível em: https://www.enabed2022.abedef.org/resources/anais/19/enabed2022/1658939997_ARQUIVO_d4e4d136d222a85503d17dc1a7e5aa3e.pdf. Acesso em: 28 julho 2023.

DA CRUZ JÚNIOR, Samuel César. **A segurança e defesa cibernética no Brasil e uma revisão das estratégias dos Estados Unidos, Rússia e Índia para o espaço virtual.** Texto para Discussão, 2013.

OLIVEIRA, Raquel Cristina Jorge de. **Segurança e defesa cibernética: um estudo do caso brasileiro à luz de países nórdicos e Estônia.** 2021.

BERTONHA, João Fábio. **A Estratégia Nacional de Defesa do Brasil e a dos outros BRICs em perspectiva comparada.** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 53, n. 1, p. 111-131, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v53n1/a06v53n1.pdf>. Acesso em: 01 agosto 2023.

R. Esc Guerra Naval, Rio de Janeiro, v.23 n.1, p. 191 - 210. jan./abr. 2017.

MACHADO, L. **ANÁLISE DA MODERNIZAÇÃO MILITAR NO BRASIL, CHINA E ÍNDIA.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/249/1904586%20-%20LEONARDO%20AMORIM%20MACHADO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Manohar Parrikar Institute for Defence Studies and Analyses. Disponível em: <https://www.idsa.in/>. Acesso em: 18 de Agosto de 2023.

Barbosa Dos Santos, Fabio Luis. **ADEUS, NEHRU: POLÍTICA EXTERNA INDIANA SOB A GLOBALIZAÇÃO.** Austral (Porto Alegre) 7.13 (2018): Austral (Porto Alegre), 2018, Vol.7 (13). Web.

Fabricação de Defesa na Índia - Empresas e Oportunidades de Investimento. Disponível em: <https://www.investindia.gov.in/pt-br/sector/defence-manufacturing#:~:text=A%20%C3%8Dndia%20est%C3%A1%20posicionada%20como.> Acesso em: 30 ago. 2023.

Wahl Gonçalves de Araújo Jorge, B. (2022). **A DIMENSÃO CIBERNÉTICA DA GUERRA ENTRE A RÚSSIA E A UCRÂNIA EM 2022: UMA AVALIAÇÃO INICIAL PASSADOS 100 DIAS DO CONFLITO.** Revista Hoplos, 6(10), 102-124. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/hoplos/article/view/54787>

TZU, S. **ARTE DA GUERRA.** [s.l.] BOD GmbH DE, 2015.

BRAZIL. **Política Nacional de Defesa**. [s.l: s.n.].

Heye, T. (2015). **Democracia, controle civil e gastos militares no Pós-Guerra Fria: Uma análise realista**. *Carta Internacional* (Online), 10(1), 105-134.

FERREIRA, Giovanna Bernardes; DA SILVA SUHETT, Bruno; DE CASTRO DEONISIO, Carlos César. **Análise do desenvolvimento econômico da Base Industrial de Defesa brasileira**. *Revista da UNIFA*, v. 35, n. 1, p. 32-40, 2022.

ACÁCIO, Igor Daniel Palhares. **Polaridade regional e percepção de ameaças: comparando as políticas de defesa de África do Sul, Brasil e Índia**. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.btd.uerj.br/handle/1/12523>. Acesso em: 05 SETEMBRO 2023.

COSTA, Rodrigo Barbosa Bastos; DEJOUR, Matthieu. **Ensinamentos do Conflito Ucrânia-Rússia para a revisão da Política Nacional de Defesa do Brasil**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.esg.br/handle/123456789/1624>. Acesso em: 05 SETEMBRO 2023.

Warken Alves, B., Vieira de Macedo, B., & Roahny, L. (2023). **Preparando-se para a guerra híbrida: uma análise das ações russas de enfrentamento a revoluções coloridas e interferência externa**. *Conjuntura Austral*, 14(66), 87–102. <https://doi.org/10.22456/2178-8839.130300>

Fernandes, Sandra; Cruz, Marco (2022). **O dilema de segurança na nova Estratégia Nacional de Segurança russa: entre militarismo e pivot geográfico**. In *Janus.net*, e-journal of international relations. Vol. 13, Nº 1, Maio-Outubro 2022. DOI: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.13.1.1>

ANDRADE, Israel de Oliveira. **Base industrial de defesa: contextualização histórica, conjuntura atual e perspectivas futuras**. 2016.

MARQUES, Rafael Siqueira. **A evolução dos conflitos assimétricos e suas consequências no preparo e emprego das Forças Armadas: os projetos estratégicos do Exército Brasileiro e a implementação da defesa cibernética**. 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/17639>. Acesso em 06 Setembro 2023.

Mendes Pereira de Paula, A. (2017). **Base industrial de defesa Indiana**. *Revista Da Escola De Guerra Naval* (Ed. Português), 23(1), 191-210.

FIORI, José Luís. **A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul**. *Oikos*, v. 6, n. 2, 2007.

NEVES JÚNIOR, Edson José. **A modernização militar da Índia: as virtudes do modelo híbrido**. 2015.

Amazônia Azul. Comando-Geral do CFN. Disponível em: https://www.marinha.mil.br/cgcf/amazonia_azul#:~:text=A%20Zona%20Econ%C3%B4mica%20Exclusiva%20brasileira. Acesso em: 03 OUTUBRO 2023.

ZBIGNIEW BRZEZINSKI. **The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives.** New York: Basic Books, 1997.

Kaplan, R. **South Asia's Geography of Conflict. Center for New American Security.** New York. 2010

MEARSHEIMER, J. J. **The Tragedy of Great Power Politics.** New York: W.W. Norton & Company, 2001.

Huntington, Samuel P. **The Clash of Civilizations?** *Foreign Affairs*, vol. 72, no. 3, 1993, pp. 22–49. JSTOR. DOI: <https://doi.org/10.2307/20045621>.

ROBERT OWEN KEOHANE; NYE, J. S.; FAREED ZAKARIA. **Power and interdependence.** [s.l.] Pearson, 1977.